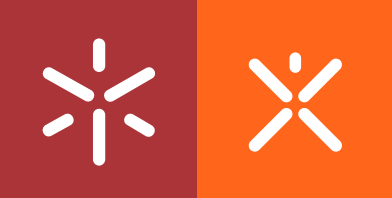


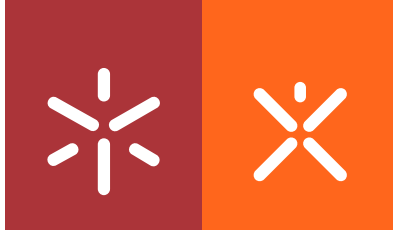


Maria Carolina da Silva

**Caracterização das Atividades de Lazer,
Desporto e Recreação para alunos com
Necessidades Educativas Especiais
no Distrito de Braga**

Universidade do Minho
Instituto de Educação





Universidade do Minho
Instituto de Educação

Maria Carolina da Silva

**Caracterização das Atividades de Lazer,
Desporto e Recreação para alunos com
Necessidades Educativas Especiais
no Distrito de Braga**

Projeto de Mestrado
Mestrado em Educação Especial
Área de especialização em Necessidades Educativas
Especiais do Domínio Cognitivo e Motor

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Anabela Cruz dos Santos

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial
CC BY-NC

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter colocado este sonho no meu coração, de me formar em um Mestrado fora do meu país, por ter me dado forças e coragem para dar este grande passo em minha vida e por ter me mostrado o quanto sou feliz pelas minhas boas escolhas. Obrigado por não me deixar desistir e por todas as lições aprendidas neste período, sei que colherei bons frutos destes momentos.

Agradeço à minha família que me apoiou nesta jornada, principalmente minha mãe Tatiana, minha irmã Caren e meu pai Marcelo, que depositaram toda a confiança, bons ensinamentos e sempre acreditaram em mim. Deixo aqui o meu muito obrigado a todos os meus familiares e amigos, que mesmo de longe não deixaram de se fazerem presentes nesta fase.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Anabela Cruz dos Santos, que desde o começo tem demonstrado muita compreensão, paciência e cuidado com o meu trabalho, bem como com a minha trajetória acadêmica, sendo um exemplo e inspiração para mim ao me ensinar com rigor os caminhos da pesquisa acadêmica.

Por fim, agradeço aos profissionais e envolvidos que colaboraram no processo de construção do estudo que foram figuras muito importantes para a composição e desfecho desta pesquisa.

Declaração de Integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Caracterização das Atividades de Lazer, Desporto e Recreação para alunos com Necessidades Educativas Especiais no Distrito de Braga

Resumo

O presente trabalho teve como finalidade analisar as percepções e experiências dos professores do ensino básico sobre a utilização das atividades de lazer, desporto e recreação, que incluem alunos com Necessidades Educativas Especiais dentro e fora dos espaços escolares, por meio da caracterização destas práticas nos agrupamentos de escolas da Região Norte de Portugal. A metodologia adotada foi de cariz qualitativo através da aplicação de uma entrevista semiestruturada a seis professores do Ensino Básico e de Educação Especial, do género feminino e masculino. Os objetivos do estudo foram: a) identificar e caracterizar quais são os tipos de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, para os alunos com NEE, b) perceber a opinião, aptidões, experiências e práticas, dos professores do Ensino Básico e de Educação Especial no que diz respeito às instituições onde exercem funções, sobre as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres realizadas por alunos com NEE, e c) identificar os lugares e contextos que oferecem as atividades de lazer, desporto e recreação para crianças com NEE bem como a procura pelos encarregados de educação por estes espaços. Os principais resultados da análise permitiram concluir que: i) as atividades lúdicas em contexto escolar que incluem os alunos com NEE, são de cariz curricular e todas as escolas cumprem com as obrigações. O Centro de Atividades de Tempos Livres é apontado como principal contexto de lazer e recreação em contexto escolar; ii) a formação dos professores é comumente direcionada ao ensino regular, aprofundada conforme as necessidades que os alunos venham a apresentar e algumas vantagens e desvantagens são destacadas nas práticas lúdicas e desportivas, e no uso do CATL para os alunos com NEE; iii) o conhecimento sobre os contextos educativos/instituições que oferecem estas atividades é reduzido, assim como a procura pelas famílias por estes espaços que dão resposta às crianças com NEE. Assim concluímos que há uma maior necessidade de divulgação e implementação das atividades de lazer, recreação e desporto para alunos com Necessidades Educativas Especiais, de forma abrangente, dentro e fora dos espaços escolares. Apresentamos algumas recomendações que se centram num aumento de práticas educativas nos tempos livres, na formação especializada de professores e colaboração entre os profissionais e famílias de alunos com NEE para que a existência destas atividades seja profícua no desenvolvimento de alunos com NEE.

Palavras-chave: Centro de Atividades de Tempos Livres, Desporto Adaptado, Lazer, Necessidades Educativas Especiais. Recreação.

Characterization of Leisure, Sport and Recreation Activities for Students with Special Educational Needs in the District of Braga

Abstract

The aim of this study was to analyse the perceptions and experiences of primary school teachers regarding the use of leisure, sport and recreational activities involving students with special educational needs (SEN), both inside and outside school spaces, by characterising these practices in school groupings in the Northern Region of Portugal. The methodology used was qualitative, through the application of a semi-structured interview with six primary and special education teachers. The aims of the study were: a) to identify and characterise the types of leisure, sport, recreation and free time activities offered in primary schools for students with SEN; b) to understand the opinions, skills, experiences and practices of primary and special education teachers in relation to the institutions where they work, about the leisure, sport, recreation and free time activities of students with SEN; and c) to identify the places and contexts that offer leisure, sport and free time activities for children with SEN, as well as the demand of parents for these spaces. The main results of the analysis led to the conclusion that: i) the extracurricular activities in the school context involving students with SEN are curricular and all schools meet the requirements. The leisure centre is pointed out as the most important leisure and recreational context in the school context; ii) the teacher training is generally oriented towards mainstream education, deepened according to the needs that the students may present, and some advantages and disadvantages are highlighted in the play and sports practices and in the use of CATL for students with SEN; iii) the knowledge about the educational contexts/institutions that offer these activities is low, as well as the demand from families for these spaces that cater for children with SEN. We therefore conclude that there is a greater need to publicise and implement leisure, recreational and sporting activities for students with special educational needs, both within and outside schools. We present some recommendations that focus on increasing educational practices in leisure time, specialised teacher training and cooperation between professionals and families of students with SEN, so that the existence of these activities is beneficial to the development of these students.

Key words: Adapted Sports, Leisure Activities Centre, Leisure, Recreation, Special Educational Needs.

Índice

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS.....	ii
Agradecimentos	iii
Declaração de Integridade	iv
Resumo	v
Characterization of Leisure, Sport and Recreation Activities for Students with Special Educational Needs in the District of Braga	vi
Abstract.....	vi
Lista de Tabelas	ix
Lista de Figuras.....	ix
Lista de Abreviaturas.....	ix
Introdução.....	1
CAPÍTULO I – Revisão da Literatura	4
1.1 Conceitos de lazer e recreação	4
1.1.1 Lazer, recreação e os espaços escolares para alunos com necessidades educativas especiais	6
1.2 Conceito de Desporto Adaptado	10
2. Espaços promotores de atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE	14
3. O CATL como recurso fundamental na inclusão e promoção de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE.....	17
4. Estudos sobre o uso das atividades de lazer, desporto, recreação e CATL para alunos com NEE 20	
CAPÍTULO II – METODOLOGIA.....	28
2.1 Opção metodológica.....	28
2.2 Desenho da Investigação.....	30
2.2.1 O contexto e os participantes	32
2.2.2 Instrumento de recolha de dados.....	35
2.2.3 Procedimento de recolha de dados	37
2.3 Análise e interpretação dos dados	40
2.4 Confiabilidade e confiança dos dados	42
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
Caso 1: E1	45

Caso 2: E2	48
Caso 3: E3	52
Caso 4: E4	55
Caso 5: E5	59
Caso 6: E6	62
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES	66
4.1 Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar	66
4.1.1 Formação motivação e competências.....	66
4.1.2 Experiências e resultados.....	67
4.2 Vantagens e desvantagens na oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE	68
4.2.1 Opinião sobre as vantagens e desvantagens.....	69
4.2.3 Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas .	70
4.3 Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar	71
4.3.1 Tipos de atividades oferecidas em contexto escolar	71
4.3.2 Ponto de vista sobre o CATL para alunos com NEE	72
4.3.3 Opinião sobre as aptidões dos professores e das escolas para receberem alunos com NEE no CATL	73
4.4 Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE.....	74
4.4.1 Solicitação pelos pais e responsáveis	74
4.4.2 Outros espaços e contextos	76
4.5 Conclusões.....	77
4.6 Recomendações	80
4.7 Limitações do estudo.....	82
Referências Bibliográficas.....	83
ANEXOS.....	89
Anexo A: Guião de Entrevista Semiestruturada	89

Lista de Tabelas

Tabela 1 - <i>Estudos sobre o Lazer, Desporto, Recreação e Prolongamento Escolar</i>	22
Tabela 2 - <i>Caracterização dos Participantes</i>	34

Lista de Figuras

Figura 1 - <i>Esquema Metodológico da Pesquisa</i>	30
Figura 2 - <i>Processo da Recolha de Dados</i>	37

Lista de Abreviaturas

AEC – Atividades de enriquecimento Curricular

AAAF – Atividade de Animação e Apoio à Família

ASC – Animação Sociocultural

CATL – Centro de Atividades de Tempos Livres

NEE – Necessidades Educativas Especiais

Introdução

A aprendizagem, por meio da ludicidade e do concreto durante os tempos livres, está sendo cada vez mais implementadas nas escolas de ensino regular. No contexto educacional, reconhecer as necessidades dos alunos é essencial para buscar estratégias de ensino alternativas e incomuns.

Entretanto, é possível observar certa discrepância no modo como as instituições de ensino, bem como seus gestores e professores, administram as atividades de lazer, desporto, recreação e, principalmente os tempos livres (prolongamentos escolares). Com o objetivo de garantir suporte e apoio básico aos estudantes e suas famílias, Werneck (1999, citado por Hunger et al., 2004) destaca que o lazer e a recreação são mecanismos que repõem o que foi perdido ou privado. Esses momentos não se limitam apenas ao trabalho, mas abrangem todas as áreas da vida. Observação, descanso, convívio e autonomia, também são fontes de enriquecimento escolar e proteção, proporcionando satisfação, liberdade, acolhimento e aprimoramento de capacidades.

No que diz respeito à inserção de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), em atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, é possível notar a progressão na construção de interesses. O objetivo é planejar formas de envolvê-los em todos os espaços e períodos, visando aprimorar ainda mais suas funções básicas, seus gostos, e encontrar maneiras de atender suas necessidades pessoais e familiares. O percurso ainda é longo e é preciso o incentivo dos serviços escolares (do ensino regular e educação especial) para que haja a adaptação e a resposta às necessidades destes alunos (Jezine & Araújo Júnior, 2011).

Discutir a respeito dos desafios desta inserção de crianças e adolescentes com NEE em todos os âmbitos escolares, pode desencadear grandes batalhas sobre os paradigmas da inclusão nos contextos globais da educação. Tudo isso gira em torno das mudanças curriculares e do trabalho direcionado para amenizar as dificuldades destes alunos (Jezine & Araújo Júnior, 2011). As atividades de lazer, desporto e recreação, sejam elas de origem e finalidades distintas são de extrema importância no desenvolvimento, social, pediátrico e educacional, dos alunos com NEE, pois auxiliam na formação motora, comunicativa, coletiva e cognitiva deste grupo (Carneiro, 2022).

Diante do exposto, esta investigação torna-se fundamental e aplicável para caracterizar e compreender os tipos de atividades de lazer, desporto e recreação que são oferecidos nas escolas para alunos com NEE. Também para perceber quais as percepções e experiências dos professores do

ensino básico sobre o uso destas ocupações, as formações e aptidões destes profissionais, e a importância destas práticas no desenvolvimento de seus alunos.

Sendo assim, este estudo foi pensado e elaborado por intermédio de uma experiência docente que tive, no apoio nos *Centros de Atividades de Tempos livres* (CATL), com alunos de 7 a 12 anos, que apresentavam NEE no foro cognitivo e motor.

Uma forte motivação para investigar uma temática relevante, no Mestrado em educação especial, despertou em mim, o interesse em estudar a importância do lazer, do desporto e da recreação no desenvolvimento pessoal e social dos alunos com NEE.

Dúvidas surgiram a serem pensadas e discutidas ao observar a forma como as atividades lúdicas, recreativas e de tempos livres, em conjunto com a inclusão social, deram *feedbacks* positivos que refletiam no comportamento destes alunos e de seus familiares. Sendo elas: formação, opinião e conhecimentos sobre os tipos e usos das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, por professores que lecionam para alunos com NEE em diversos contextos.

Assim, alguns questionamentos foram motivadores, na busca de saber: que tipo de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres são realizadas dentro e fora dos espaços escolares para alunos com NEE? Quais as vantagens e desvantagens as atividades de lazer, desporto e recreação trazem para os alunos com NEE em contexto escolar e social? Quais são as opiniões e aptidões dos professores sobre o uso das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres para os alunos com NEE? Quais os locais e contextos as atividades de lazer, desporto e recreação são oferecidas para os alunos com NEE? Qual a solicitação das famílias por estas ocupações?

A fim de responder tais questionamentos, delimitamos como finalidade da pesquisa, analisar as percepções e experiências dos professores do ensino básico sobre a utilização das atividades de lazer, desporto e recreação, que incluem alunos com NEE dentro e fora dos espaços escolares, por meio da caracterização destas práticas nos agrupamentos de escolas da Região Norte de Portugal. Os objetivos do estudo centraram-se em: a) identificar e caracterizar quais são os tipos de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, para os alunos com NEE, b) perceber a opinião, aptidões, experiências e práticas, dos professores do Ensino Básico e de Educação Especial no que diz respeito às instituições onde exercem funções, sobre as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres realizadas por alunos com NEE, e c) identificar os lugares e

contextos que oferecem as atividades de lazer, desporto e recreação para crianças com NEE bem como a procura pelos encarregados de educação por estes espaços.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de cariz qualitativa, em que foi elaborado pela investigadora deste estudo e sua orientadora, um guião de entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. As entrevistas foram realizadas com professores que ministraram aulas no ensino básico (educação pré-escolar e 1ª ciclo) na região Norte de Portugal, entre os meses de fevereiro a abril de 2023.

A organização do estudo é estruturada em cinco capítulos. O primeiro é constituído pela Revisão da Literatura, que oferece um enquadramento teórico sobre os conceitos de lazer, desporto adaptado e recreação. Exemplifica, também alguns espaços escolares e não escolares, como promotores destas atividades para alunos com NEE e enfatiza a importância dos Centros de Atividades de Tempos Livres (CATL), na função de instância fundamental no acesso e incentivo às atividades livres nas escolas. O segundo capítulo nomeado Metodologia, fornece a descrição dos procedimentos metodológicos empregados na investigação, tal qual o desenho da investigação, o contexto e seleção dos participantes. Descreve, ainda os objetivos e finalidades, o instrumento de pesquisa para a recolha de dados, a análise e interpretação e os critérios de confiabilidade e sigilo da pesquisa. A seguir temos o terceiro capítulo com a Apresentação dos Resultados, que transcreve as principais falas e apontamentos dos entrevistados na recolha de dados. O quarto capítulo mostra a Discussão e Conclusões da pesquisa, nesta fase, com base na teoria de Bardin (2010). A análise dos resultados obtidos, bem como a avaliação e organização dos dados, pelo instrumento de avaliação, os quais foram estruturados de acordo com as categorias de análise elaboradas previamente e durante a exploração das respostas dos entrevistados. Ao final têm-se a conclusão do estudo bem como suas limitações, constrangimentos e recomendações futuras, para que haja novos estudos baseados nesta temática.

CAPÍTULO I – Revisão da Literatura

Neste capítulo, pretendemos facultar de modo geral, os conceitos bases e fundamentais das atividades de lazer, recreação e desporto adaptado, juntamente com uma exploração das atividades de tempos livres dos prolongamentos escolares. Intencionou-se perceber e aprofundar, na importância do uso destas ocupações em instituições de ensino básico, bem como nos períodos letivos e pós-letivos, e em lugares que ofereçam atividades lúdicas e desportivas. O foco principal foi a funcionalidade destes locais para a progressão de alunos com necessidades educativas especiais do ensino regular.

1.1 Conceitos de lazer e recreação

Para um bom desenvolvimento social e ativo nos anos iniciais do ensino básico, é essencial conhecer e perceber os fundamentos do lazer e da recreação, e qual é o papel destas atividades no desenvolvimento infantil. Essas ocupações podem influenciar diversos aspectos como a construção de bons hábitos, o pensamento crítico e o aprimoramento das funções cognitivas e motoras das crianças (Silva & Gonçalves, 2017).

Os conceitos de lazer e recreação caminham lado a lado na história comportamental dos indivíduos. Segundo Gomes (2008) o termo *lazer* teve fortes influências de estudos europeus e traz consigo a abordagem cultural dos comportamentos e ações. Já o termo *recreação* vem da perspectiva norte-americana e é designado como um conjunto de diversas atividades. O autor ressalta que a abordagem das duas vertentes sempre gerou questionamentos referentes ao seu uso e significado, tornando necessária a promoção de estudos que comprovem a função de cada um dos momentos.

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializado através de uma experiência pessoal criativa de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, proeminentemente, por uma grande motivação intrínseca, realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chegar a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciado por fatores ambientais (Bramante, 1998, p.09).

Para melhor compreensão, Dumazedier (2004) – sociólogo francês pioneiro nos estudos do lazer – afirma que o Lazer pode ser compreendido como um conjunto de ocupações, em que as crianças têm livre acesso, entregam-se e executam por livre vontade, variadas atividades, jogos, brincadeiras e até mesmo o descanso, o divertimento e o entretenimento, dando-lhes a liberdade de desenvolver ações desinteressadas de maneira social e voluntária.

Ainda segundo o autor, o lazer abrange capacidades criativas e criadoras, o que se opõem as obrigações da vida cotidiana, mas que podem ainda, estar inseridas em espaços e momentos dirigidos, assim como nas escolas e centros de aprendizagens, sendo nomeados como “tempo livre, recreio, pausa, intervalo”, descritos como momentos que podem ser trabalhadas áreas cognitivas do desenvolvimento (individual e coletivo) (Dumazedier, 2004).

Por outro lado, ao analisarmos o conceito de recreação, é necessário se fazer uma rápida elucidação linguística, e uma correlação com o conceito de recriar.

A palavra recreação é proveniente do latim e originou-se do termo *recreo*, que se refere ao conjunto de ações que têm como objetivo a renovação do esgotamento causado por tarefas diárias, ou o ato de se fazer de novo (Priberam, 2024). Assim como diz Jurema e Garcia (2010) a recreação advém de o termo *re-criar* – voltar a criar algo, atividade com objetivo da repetição do que se vê – passando para o termo *recrear* – momento excludo de trabalho, dedicado à redescoberta e à diversão, para repensar e refazer por meio do lúdico.

O termo, ainda pode ser entendido como:

(...) o criar, o recrear e o recriar-se, que está intimamente atrelado à acção do homem sobre o mundo. Constitui-se, assim, num espaço privilegiado para a construção colectiva de novos conhecimentos e, ainda, em possibilidade de influenciar educadores mais comprometidos com as mudanças necessárias para o surgimento de uma sociedade pautada em valores mais humanos (Brêtas, 1997, citado por Silva et al., 2011, p.03).

Entretanto, compreender o que é o lazer e a recreação na perspectiva do desenvolvimento humano pode ser uma tarefa um tanto complexa. Bruhns (1997, citado por Werneck & Isayama, 2003) aponta que o termo da recreação é menos abrangente no espaço educacional, pois pode ser considerado apenas como um produto do lazer, ou como um tipo de atividade e experiência que a criança vivencia dentro de tarefas tanto livres como desportivas, estando em completa ligação entre si.

Estudos apontam que determinados autores consideram a recreação, o lazer e as brincadeiras tal qual frutos do processo criativo do indivíduo, vistos como modificadores de sua realidade e do

presente, os quais se utilizam fortemente da imaginação e criatividade. Nem sempre será fácil definir, se determinada atividade lúdica é caracterizada como lazer, recreação ou como brincadeira. Para que haja uma análise correta das ações é preciso que seja observada a forma como tal atividade se desenvolve, em conjunto com a maneira como as crianças elucidam estes momentos (Dores, 2009).

Werneck e Isayama (2003) apontam, que os momentos de lazer e recreação servem também como um dispositivo de autorregulação da criança, que ao contrário da espontaneidade e liberdade dos jogos e brincadeiras, colaboram para um processo de reprodução cultural. Tais situações e momentos de distração, farão dessa criança um sujeito adaptável, aprendendo a lidar com circunstâncias geradas em diferentes nichos da vida, bem como nas relações (pessoais, e de convívio) ao contribuir para a consolidação de valores e de estratégias para diferentes momentos do cotidiano.

Portanto, ao perceber a importância destas situações, entende-se que não se trata apenas de um direito ou necessidade, muito menos podem ser vistos apenas como sinônimos de jogos e brincadeiras sem cariz. A recreação e o lazer em fase escolar, podem e devem ser considerados como movimentos pedagógico-sociais, atribuídos em função de diversas preferências, mas estritamente voltados para aceitação, reprodução e ajustamento. Muitas vezes pela perspectiva crítica e criativa destas atividades no cotidiano das crianças, entende-se que a recreação na função de atividade coloca as propostas do lazer como comportamento em ação (Silva et al., 2011).

1.1.1 Lazer, recreação e os espaços escolares para alunos com necessidades educativas especiais

Considerar a junção e funcionalidade do lazer e da recreação nos espaços escolares, requer maior aprofundamento uma vez que estes são efeitos de uma construção cultural e histórica, dos indivíduos em seus diversos contextos e características.

De acordo com os regimes escolares e conforme apontado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, 1990, citado por Lacerda, 2017) toda criança tem o direito de ser acolhida e aceita pelos agrupamentos de escolas, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, emocionais ou sociais. Porém tendo em vista a realidade da educação atual, muitas crianças com necessidades educativas especiais ainda não se encontram totalmente incluídas nos ambientes escolares.

Os princípios norteadores destes conceitos de educação para alunos com NEE, são baseados nos fatores de integração e inclusão. Historicamente os sujeitos que apresentavam alguma problemática específica eram vistos como excepcionais e tratados de forma discriminatória pelos demais indivíduos. Entretanto, ao entrarmos no período do Renascimento Humanista, como citado por Correia (2008), começa-se a notar preocupações por defender e vingar os direitos e deveres de todos os cidadãos, mesmo aqueles ditos diferentes. Desta forma, por volta dos anos sessenta uma movimentação com caráter social e legislativo se inicia, na busca de assegurar os direitos de todos os indivíduos, a liberdade e a igualdade de oportunidades. Todo o movimento foi traçado com o objetivo de defender os direitos à educação, à saúde, à habitação, ao lazer, ao trabalho, ou a qualquer outro serviço que viabilizasse aqueles que eram vistos como excepcionais. Tudo isso a fim de tornar sua educação e seus direitos, o mais semelhante possível com os demais cidadãos vistos como “normais” (Correia, 2018).

Advindo dos princípios da integração e inclusão, que são atualmente considerados como respostas educativas às necessidades de todos, surgem movimentos e conceitos baseados nas novas concepções de educação especial. É possível salientar que surge aí o início do uso da terminologia necessidades educativas especiais. Este uso começa pela ênfase ao tipo e grau dos problemas de aprendizagem que os indivíduos podem apresentar, sendo classificados de “ligeira a severa, e pode ser permanente ou manifestar-se durante a fase de desenvolvimento do aluno” (Correia, 2018, p. 44). O autor afirma que o conceito de NEE, “se aplica a crianças e adolescentes com problemas sensoriais físicos e de saúde, intelectuais e emocionais e, também com dificuldades de aprendizagem específicas” (Correia, 2018, p.45).

Sendo assim, o uso da terminologia e o conceito de NEE, passou a ser aplicado não apenas como uma alteração semântica, mas também com a intenção de mudar-se a maneira como estes indivíduos eram tratados ao modificar de forma efetiva a perspectiva da educação especial no ensino regular (Madureira & Leite, 2003).

Do ponto de vista da educação, o uso progressivo do termo trouxe uma visão menos estigmatizada sobre os “problemas” que o aluno apresentava. Passou-se, então a ser um referencial ao tipo de necessidade deste aluno, sendo ele criança ou jovem, mas que viesse a apresentar dificuldades de aprendizagens e de desenvolvimento (cognitivo e motor) ao longo do seu percurso escolar (Madureira & Leite, 2003).

Sendo assim percebe-se que as práticas recreativas, de lazer e os tempos livres dão autonomia para as crianças e não devem ser vistos como pertencentes a uma parte da classe social ou a um determinado grupo de pessoas. Lacerda (2017) ressalta que a pessoa com necessidades educacionais especiais (NEE) tem sido há muitos anos objeto de ações de piedade e assistencialismo. Entretanto, a questão toma maiores proporções, uma vez que é fundamentalmente de direito inerente a todos os indivíduos a participação em momentos dirigidos e não dirigidos, dentro dos espaços letivos.

Ao levantarem-se questionamentos sobre a o lazer e a recreação em momentos escolares para os alunos com NEE, vemos que estes podem ser uma das maneiras facilitadoras para a inclusão efetiva. Isso porque a prática das atividades recreativas, como uma aplicação pedagógica nas escolas, oportuniza um ajustamento e alinhamento de estratégias que podem abranger estes alunos no processo de integração com os pares (Lacerda, 2017).

Tais dinâmicas, que podem ser chamadas de jogos e brincadeiras, possibilitam a inovação de propostas recreativas como ferramentas facilitadoras nestes espaços, e na inclusão de todas as crianças em escolas de ensino regular. Os momentos de recreação assim como uma forma de lazer, podem ser utilizados como métodos positivos para o desenvolvimento dos alunos com NEE no meio social e cultural. Também permitem um reconhecimento do ambiente escolar como atrativo, e possibilitam desenvolver uma função cognitiva e uma socialização mais prazerosa, ao alinharem-se com os valores morais e culturais que cada um traz consigo (Santos, 2018).

O lazer e a recreação ajudam na construção de um processo eficaz de educação. São instrumentos que podem ser utilizados, para enriquecer o desenvolvimento psicossocial e psicomotor de uma criança com ou sem NEE, ao tornar-se um fator de integração, de solidariedade e cooperação entre todos (Santos, 2018).

É consenso e resultado de estudos e pesquisas, que os indivíduos com necessidades educacionais especiais, beneficiam-se dos contatos sociais e da interação cultural na qual se encontram inseridos. É importante perceber, que tais interações, se desenvolvidas da melhor maneira e mais adequada, podem e devem ser impulsionadoras em mediações de convívio e de conflitos que se fazem necessários ao desenvolvimento (Paiva et al., 2014).

Conforme Vygotsky (1987, citado por, Paiva et al., 2014) o desenvolvimento de funções, do foro cognitivo e motor básicos dos alunos, também podem ser aperfeiçoados por meio de atividades complementares e ferramentas psicopedagógicas, mesmo em momentos de lazer e recreação. Isso

ocorre porque a individualidade e abstração de cada aluno decorrem do convívio e dos relacionamentos e conexões que formam entre os pares.

Dos indivíduos já se requer não apenas que dominem a tecnologia do ler e escrever, mas também que saibam fazer uso dela, incorporando-a ao seu viver, transformando-se assim seu “estado” ou “condição”, como consequência do domínio dessa tecnologia (Aoki, 2005, citado por, Paiva et al., 2014, p. 29).

Momentos de aprendizagem podem e devem estar presentes em todas situações do dia a dia dos sujeitos, o contato com os pares em ambientes escolares dinâmicos, permitem-lhes partilhar vivências e obter novos conhecimentos em diferentes níveis, vindos de diferentes formas.

Os espaços escolares e as instituições de ensino como um todo, são um forte instrumento de desenvolvimento dos sentidos dos alunos, pois, o lugar onde eles têm seus primeiros contatos com diferentes pessoas é na escola, e é também onde estão longe da sua rede de apoio familiar. É a partir deste convívio que ele passará a desenvolver seu lado criativo e participativo. Também será possibilitado que as crianças com NEE desenvolvam capacidades sociais, autorregulação das suas emoções e sensações, bem como promoção de novas habilidades para o seu corpo, vindas destas relações com os colegas, e com as atividades recreativas como o brincar livre (Amaro, 2017).

O uso de ambientes animadores, atrativos e diferentes dentro do espaço escolar, é reconhecido como um grande e poderoso instrumento educacional para tal objetivo. Nesses ambientes os profissionais da educação básica e especial sentem-se cada vez mais direcionados a desenvolver um trabalho no qual, de acordo com os pequenos avanços da criança ela estará cada vez mais próxima de atitudes como resolver problemas, escrever (de acordo com seus pormenores), desenhar, usar a criatividade, executar comandos de ação ou até mesmo apenas desenvolver melhor os sentidos, como a audição, visão, etc. (Kensky, 2013).

É importante fazer com que estes alunos também atuem de forma ativa e participativa nas atividades de lazer e recreação, mesmo que seu desejo seja estar apenas observando o mundo a sua volta. É possível utilizar recursos tecnológicos, que podem ser meios facilitadores e que ajudam a buscar saídas nas diversas dimensões do ensinar e aprender, ao respeitar as limitações da criança neste convívio (Kensky, 2013).

À vista disso, as atividades lúdicas, recreativas e de lazer como o brincar, são muito importantes, sobretudo, no desenvolvimento dos alunos diante da inclusão, dado que passa a ter um valor interminável de interação social, lúdica e afetividade. Os professores e profissionais da escola,

quando dedicam tempo a desenvolver tarefas que favoreçam uma aprendizagem significativa, são vistos como mediadores dedicados e afetuosos entre as crianças e o mundo à sua volta (Sassaki, 2009).

Portanto, para que haja momentos de lazer e brincadeiras nos espaços escolares que se ampliem para os alunos com NEE, é essencial que os profissionais da educação, como professores do ensino regular ou especial, do desporto e até mesmo assistentes operacionais, adquiram a capacidade de interação e demonstrem empenho no bom desenvolvimento do lúdico. Eles devem buscar incorporar novos elementos e mecanismos nas atividades recreativas aplicadas e nos espaços da escola, dando assim oportunidade aos alunos de socializarem e de se entreterem, a ponto de desvincularem suas diferenças e se verem como parte da sociedade escolar (Amaro, 2017).

1.2 Conceito de Desporto Adaptado

A busca pela qualidade de vida e por hábitos mais saudáveis, vem tomando força com o passar dos anos. Pessoas com ou sem necessidades educativas especiais buscam pelas práticas desportivas como recurso para melhorar seu condicionamento físico e psíquico, visando ao estímulo de potencialidades e possibilidades em prol de um maior bem-estar físico e psicológico (Pereira et al., 2014).

Atualmente um dos problemas que mais afetam a população, é a saúde prejudicada e as dificuldades em lidar com instalações públicas de saúde, fazendo com que muitos adotem estilos de vida cada vez menos ativos e menos ligados à vitalidade (Pereira et al., 2014).

Segundo Wang, Pereira e Mota (2006, citado por Sousa et al., 2013) em um estudo que relaciona as práticas desportivas à condição física e corporal de crianças em fase escolar, identificou-se que muitas não atingiam os índices e percentuais corporais esperados, apresentando números muito acima ou abaixo da média. Entretanto o estudo aponta que, ao incluir práticas regulares de atividades físicas e uma boa alimentação, é possível contribuir a curto, médio e longo prazo para uma melhor qualidade de vida e para a prevenção de futuras doenças como, hipertensões, diabetes, obesidades, (etc.), em todas as idades.

Os indivíduos com NEE também não ficam de fora deste alerta, pois além de beneficiarem-se em questões de saúde e evitar enfermidades, eles também podem desenvolver melhor autoestima,

maior flexibilidade, mobilidade, resistência e consequentemente maior estabilidade emocional com as práticas desportivas (Gomes, 2012).

Assim como diz Gomes (2012), o desporto adaptado e as disciplinas de educação física nas escolas, podem aprimorar os atrasos motores, a força, o equilíbrio e vários outros sentidos que são menos desenvolvidos em crianças com NEE e devem ser pensados pelos profissionais da educação de maneira consciente. É importante identificar as capacidades destes indivíduos e selecionar materiais e estratégias para que estas práticas sejam realizadas.

Seguindo a linha do desenvolvimento através das atividades referidas, o desporto adaptado surgiu como um significativo recurso, em reabilitações físicas, psicológicas e sociais, mas, que nem sempre foi visto desta maneira. O desporto como conhecemos atualmente, teve seu surgimento nos primórdios da humanidade (por volta de 3000 a 500 A.c.). Nesta época o método de escolha daqueles que se encaixavam no perfil esperado, consistia na análise da força e da resistência física, vistas como fundamentais para a sobrevivência em caças, pescas e lutas contra predadores, determinando assim a lei do mais forte (Santos et al., 2013).

As práticas desportivas vieram a ser adaptadas apenas no século XX, com o aumento no número de pessoas/sobreviventes, lesionados em guerras, que resultavam em deficiências adquiridas em combates. Como consequência disso houve a necessidade de reabilitá-los para que pudessem, ocasionalmente, voltar aos seus respectivos postos. Assim sucedeu a quebra de padrões e a mudança de atitudes frente às deficiências. Neste momento as atividades físicas desportivas passam a serem vistas e aceitas como a melhor saída para a reintegração na sociedade (Santos et al., 2013).

O término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um marco para a evolução do desporto adaptado para pessoas com deficiência, muitos soldados retornavam aos seus países, traziam em seu corpo marcas que jamais esqueceriam. O pós-guerra deixou muitos soldados mutilados, com distúrbios motores, visuais e auditivos, isso fez com que seus governos tomassem uma série de providências sobre a qualidade de vida desses indivíduos, com isso muitos começaram a ter acesso às práticas esportivas e atividades físicas adaptadas como forma de tentar minimizar as adversidades causadas pela guerra (Cardoso, 2011, p. 531).

Durante esse período houve sucessivamente o surgimento de entidades internacionais que se dedicaram às competições desportivas voltadas para aqueles que apresentavam algum tipo de limitação, o que contribuiu para o surgimento e solidificação do termo desporto adaptado (Amiralian et al., 2000).

Assim como diz Winnick e Porretta (2017) o termo desporto adaptado abrange indivíduos com tipos variados de incapacidades. Pode ser conhecido como *Adapted Physical Education* (Educação Física Adaptada) ou *Adapted Physical Activity* (Atividade Física Adaptada), pois tem como foco a modificação das atividades conforme a insuficiência do aluno. O intuito desta modificação é promover e criar oportunidades desportivas, e abranger todos os espectros e ambientes que os indivíduos com insuficiências/dificuldades possam participar, ao reconfigurar as ações e objetivos dos movimentos.

De modo a operacionalizar ainda mais as práticas e suas extensões, Varela e Castro (2011, citado por Santos et al., 2013) esclarecem que atualmente o desporto adaptado é organizado por grupos de necessidades e suas características etiológicas, ao invés de serem separados por categorias ou modalidades, assim como no desporto tradicional.

Tais grupos desportivos têm se reconfigurado e passado por reajustes baseados nas necessidades e ambições de seus jogadores. O que tinha apenas como objetivo, o desenvolvimento terapêutico e a reabilitação, passa a ser visto também como meio recreativo e que se aproxima cada vez mais do uso das modalidades como alto rendimento desportivo (Celestino & Pereira, 2016).

Assim como diz a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (2016), ao se basear nas primeiras experiências desportivas para os indivíduos com NEE, o desporto adaptado ainda tem como mediadores de avaliação, três objetivos principais, para trabalhar áreas específicas do desenvolvimento. De acordo com a singularidade de cada elemento, esses objetivos são:

Terapêutico / Fisiológico – através da exploração dos limites físicos, do controle do movimento voluntário e das articulações o desporto como exercício terapêutico, busca estimular o desenvolvimento fisiológico de pessoas com NEE (Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, 2016).

Psicológico – o desporto como exercício que estimula a cognição, permite às pessoas com NEE demonstrem a si próprias e à sociedade, conduzindo-os ao aumento da autoconfiança, melhoria da comunicação, controle dos sentimentos, e autoaceitação. Assim suas necessidades passam a ser mais do que uma invalidez e sim uma característica (Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, 2016).

Social – Já o desporto como exercício de inclusão social, traz a aproximação dos indivíduos com NEE junto à comunidade, normalizando o desenvolvimento da autonomia e a inserção social. “A pessoa com necessidades educativas específicas, descobre através do desporto os seus limites e

potencialidades, ultrapassam algumas barreiras impostas pela sociedade, relaciona-se e troca experiência com os outros”. (Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência, 2016, p. 05)

Enfim, muitos são os benefícios que as práticas desportivas proporcionam para os alunos com NEE, pois, se relacionam com seu bem-estar e com a qualidade de vida. As práticas podem ser consideradas como momentos que possibilitam aos alunos testarem seus limites e suas potencialidades, e se precaverem contra enfermidades oriundas dos seus défices (Cardoso, 2011).

Os desportos para todas as crianças, constituem uma oportunidade para testar as suas capacidades e limites, para adquirirem autoestima e independência, para desfrutarem e se socializarem num ambiente organizado por regras e com um elevado sentido ético (lealdade, compromisso, trabalho em equipa, entre outros). Neste sentido, é, pois, muito importante para uma criança com deficiência viver esta experiência fora do contexto da Reabilitação (Ferreira, 2009, p.11).

As práticas desportivas são indicadas desde a fase inicial de escolarização dos alunos, como uma alternativa lúdica e prazerosa que lhes dá a oportunidade de vivenciarem sensações e movimentos não usuais e que estão fora do cotidiano, ou que muitas vezes não são realizados por suas limitações físicas ou até sociais. Com o auxílio de pessoas preparadas, tais práticas podem abrir um leque de novas ações e pensamentos conforme o grau de dificuldade do aluno, o fazendo sentir-se ainda mais vivo (Cardoso, 2011).

Conforme as mais variadas linhas de investigações na esfera das Ciências do Desporto são pautadas e colocadas em evidência conjuntos de potencialidades associadas às práticas das Atividades Físicas Desportivas Adaptadas, especialmente nos níveis fisiológico, psicológico, individual e social (Celestino & Pereira, 2016).

Outra perspectiva positiva é de que as práticas passam a servir como catalisadoras de bem-estar, tendo significativo ganho de qualidade de vida. Os alunos que são incluídos nestas práticas tanto dentro como fora dos ambientes escolares (sejam clubes, projetos, ginásios, terapias e etc.), beneficiam-se no âmbito da saúde. Essas práticas apresentam relações concretas como um meio de prevenção e redução de risco de doenças variadas como as cardiovasculares, metabólicas, cancro e muitas outras (Celestino & Pereira, 2016).

Portanto, as escolas devem ter como uma de suas muitas preocupações, preparar todas as crianças para desempenharem as atividades adequadas às suas capacidades, e procurar alternativas de filtrar e englobar estas ocupações com as áreas disciplinares, para que possam melhorar as

aptidões destes alunos e os colocarem em contato direto com todos no meio escolar. Desta forma as atividades físicas não ficam de fora deste planejamento. Como diz Santos (et al., 2013), todas as oportunidades de práticas desportivas para alunos com NEE, promovem uma maior qualidade de vida, pois oferecem oportunidades que podem testar seus limites e suas potencialidades. E, segundo o autor, também são fator de prevenção de enfermidades secundárias e, principalmente são reconhecidas como prática, que aperfeiçoam a integração social destes indivíduos.

2. Espaços promotores de atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

Partindo-se do pressuposto de que todas as pessoas apresentam características, talentos e habilidades diferentes, a educação inclusiva e as atividades de desenvolvimento tanto de convívio como de tempos livres, diminuem as ações equivocadas causadas pela visão rasa, que muitos têm sobre as pessoas com necessidades educativas especiais, levando ao desconhecimento de suas potencialidades.

É preciso perceber que, assim como citam Ferreira e Guimarães (2003) o contato das crianças entre si e a comunidade dentro e fora do ambiente escolar aprimora a empatia, aceitação, compreensão, crescimento e respeito, ao conviverem diretamente com as diferenças, semelhanças e as características individuais de seus pares.

Nessa perspectiva, quando pensamos em ambientes promotores de lazer, desporto e recreação é preciso perceber que para muitos o *espaço* não passa de um produto de conhecimento ou um local de trabalho. Todavia para além disto os espaços são ambientes interdisciplinares de objetos concretos e abstratos, é a vida pertencente à materialidade (Silva, 2004).

Muitas são as ofertas de espaços promotores de atividades de lazer, desporto e recreação, em que os alunos com necessidades educativas especiais podem participar de maneira ativa e que vão além da esfera escolar letiva. A seguir serão descritos ocupações, lugares e contextos, em que tais atividades podem e devem acontecer:

Atividades de enriquecimento curricular (AEC): conforme Decreto-Lei 6/2001, escolas de primeiro ciclo, devem ter a duração mínima de 8 horas diárias, para todos os alunos, tendo em vista o

conjunto da componente letiva e não letiva, ao ofertar atividades de animação e apoio, facultativas e disponíveis a todos.

As Atividades de enriquecimento curricular, são atividades que seguem os domínios desportivo, artístico, científico, tecnológico, ambiental, solidário, voluntariado e com oferta do ensino de línguas. São atividades educativas formativas que devem ser contempladas a partir não só do interesse dos alunos, mas também em articulação com os outros seguimentos da escola. É direito de todos a participação nessas atividades, de acordo com suas necessidades e a pré-disposição dos encarregados de educação (Bonito, 2017).

Expressões: a educação expressiva é definida como um estimulador de todas as formas de expressão humana em seus vários contextos (educativos ou não), mas que permite a descoberta do saber, pensar, aprender, criar, inovar, participar de modo ativo, como também conhecer o mundo e a si próprio. Pode também ser vista como forma de lazer e recreação, ao ser guiada pela experiência prática de aprender algo novo e pela manifestação de um sentimento ou emoção. É dividida entre expressões: plástica, musical, dramática, e físico-motora, e pode ser oferecida a todos, uma vez que desenvolve e trabalha os interesses comuns e a integração com base nestes interesses (Viladouro, 2013).

Recreios: De acordo com Cabrita (2005), os recreios são períodos/momentos dentro da rotina escolar ou das ocupações do dia-a-dia, nomeados como tempos de pausas, com o intuito de descontração e relaxamento não só para as crianças como para adultos. Estes momentos de ócio e descanso, podem decorrer em espaços físicos fora das escolas (ou até mesmo nos parques e polivalentes) ao ar livre ou cobertos, em que as crianças possam interagir e agir livremente entre estas ocupações. Ainda segundo a Circular n.º 82/92, de 9 de setembro (1993, citado por Cabrita, 2005) da Direcção Geral dos Ensino Básico e Secundário (DGEBS):

“Os tempos destinados ao recreio constituem para as crianças, sobretudo, aos que frequentam o 1.º ciclo, momentos privilegiados para o exercício de práticas socializadoras que envolvem o desenvolvimento de competências nos planos de gestão de conflitos, da regulação de afetos, da criação de sentimentos de pertença ao grupo, bem como da gestão de atividades de forma autónoma e democrática” (p. 25).

Animção sociocultural: muitas são as significações que a ASC (Animção Sociocultural) apresenta, dentre elas pode ser vista como o uso do tempo livre que se relaciona com o lazer. A natureza destas atividades se dá pelos processos de auto-organização e pode ser considerada como o conjunto de práticas sociais e culturais que buscam a socialização e o estímulo de iniciativas dos

usuários, possibilitando trabalhar as dimensões das relações, aptidões, autonomia e coletividade. As atividades de animação socioculturais buscam desenvolver o contato entre os pares, a participação e a relação com o meio, fomentando a criatividade e a diversidade cultural que pode estar inserida, abrangendo assim os indivíduos com NEE. Também desenvolve as dimensões culturais, físicas, cognitivas e sociais diferentes e podem ser vistas como um ambiente promotor de lazer (Viladouro, 2013).

Espaços Urbanos: inúmeras são as possibilidades de caracterização de espaços urbanos de lazer e recreação disponíveis no dia a dia dos indivíduos. Os parques públicos podem ser vistos como ambientes de encontros, passeios, desporto ou até mesmo o espaço onde as crianças podem ter seus primeiros contatos com outras crianças e adultos que não fazem parte de seu ciclo familiar. Bibliotecas, museus, cinemas, áreas verdes, polivalentes, pistas desportivas, rodovias, e muitos outros sítios são também fatores participativos no meio urbano que podem proporcionar momentos lúdicos, de convivência, jogos, brincadeiras, conversas, exploração do meio ou até mesmo a mais pura observação. Nestes espaços, todos sentem-se livres para explorar e usufruir da criatividade, para ressignificar pensamentos e ações. A diversidade do uso dos ambientes urbanos está atrelada à qualidade de vida, ao dar a oportunidade de criar de modo espontâneo a individualidade e a coletividade de cada um (Silva, 2004).

Desporto: O desporto adaptado, como umas das principais atividades de lazer e recreação na vida dos alunos com ou sem NEE, é destacado na pesquisa como elemento-chave no desenvolvimento destes indivíduos. O uso deste, como artifício no avanço da autonomia e do condicionamento físico, pode ser visto como atividade global que deve ser inserida na vida de todos aqueles que buscam, principalmente saúde e bem-estar. Muitos são os seus benefícios, mas se pode destacar, que as atividades físicas buscam a promoção da autonomia, sensações de prazer e realização, vitalidade, cooperação, coletividade e, principalmente a harmonia entre as funções físicas e intelectuais daqueles que as praticam, sejam elas quais forem (Mota, 2001).

Centro de Atividades de Tempos Livres: O Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL) como uma das principais instâncias de educação não-formal, insere-se no âmbito da diversidade educativa, possibilitando a promoção igualitária de oportunidades. É constituído de modo a lidar com os interesses dos seus participantes com a oferta do apoio em atividades livres e lúdicas de modo orgânico, na busca de criar situações educativas que vão além daquilo que é visto como habitual, dando-lhes acessibilidade e apoio à rede familiar. Adiante serão descritas de forma detalhada a

importância do uso destes espaços para a promoção de lazer, recreação e inclusão dos alunos com NEE (Dias, 2023).

Estes são alguns dos principais espaços e contextos promotores de lazer, recreação e desporto, que buscam abranger alunos com necessidades educativas especiais. É possível perceber que crianças que convivem em ambientes como estes têm um melhor desempenho das funções psicológicas e de convívio (Machado et al., 2010).

Por fim, estas vertentes aprimoram percepções espaciais, o senso de coletividade e a diversidade entre o público que os frequenta, sejam eles dentro ou fora das escolas. É preciso relembrar que o contato das crianças com os espaços tanto urbanos como os predispostos a determinadas práticas, envolvem diversas variáveis, e que podem intervir na convivência e no desenvolvimento. Também se faz necessário considerar as limitações do público-alvo, e maximizar as possibilidades de adequação destes ambientes (Machado et al., 2010).

3. O CATL como recurso fundamental na inclusão e promoção de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

Os Centros de Atividades de Tempo Livre (CATL) como instância de educação não formal, são alguns dos principais ambientes promotores de ocupações lúdicas e recreativas, designados como estabelecimentos educativos que oferecem atividades prazerosas e socioculturais. De acordo com a Direção Geral da Ação Social (1998, citado por Dias, 2023) o CATL é o espaço dentro de instituições públicas ou privadas, que buscam proporcionar momentos de lazer às crianças a partir de 6 anos, nos períodos e horários não escolares e que abrangem outras instâncias de atividades extracurriculares anteriormente descritas no estudo.

Todo o currículo e a didática escolar do país, estão firmados sob a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) – n.º 46/1986 de 14 de outubro – a qual integra e detalha nos artigos n.º 164 e n.º 167, o ciclo de estudos chamado de Ensino Básico, obrigatório a todos os indivíduos. Este ciclo é dividido nas seguintes etapas: Educação Pré-escolar - 3 a 6 anos -; Ensino Básico – compreendido por três ciclos sendo o 1º de 4 anos, 2º de dois anos e o 3º de três anos, com idades entre 6 aos 15 anos – e por último o Ensino Secundário – 15 aos 18 anos (Decreto-Lei nº 46/1986, 1986).

Ainda de acordo com a Lei referida e amparada pelo Artigo n.º 51, as escolas devem apresentar atividades complementares que visem ao enriquecimento “cultural e cívico, a educação física e desportiva, a educação artística e a inserção dos educandos na comunidade”. É este o nicho em que se encaixam as ocupações de lazer, recreação e desporto, com maior ênfase os Centros de Atividades de Tempos Livres, definidos, como “atividades que devem valorizar a participação e o envolvimento das crianças e dos jovens na sua organização, desenvolvimento e avaliação” (Decreto-Lei nº 46/1986, 1986).

Como já visto nas definições de lazer e recreação, o tempo livre equipara-se a um tempo de “recompensa/ganho” ao esforço ou trabalho, associado ao repouso ou ao descanso físico. Este pode também ser associado à fase escolar uma vez que é posto como um intervalo de distração e liberdade após longos períodos de obrigações colegiais (De Araújo, 2004).

Quando falamos de educação para o tempo livre e de educação no tempo livre, é notória a valência de duas potencialidades da educação que devem ser separadas no espaço, mas que se complementam. Ao se educar crianças *para o tempo livre*, isso se refere ao aproveitamento das novas descobertas e aprendizagens centralizando e enraizando momentos de foco e distração. Já quando se educa *no tempo livre*, seu significado vem com o aproveitamento do tempo em que podem ou não haver atividades educativas que desenvolvam o enriquecimento pessoal e social (Bramão, 2000).

Portanto, os Centros de Atividade de Tempo livres (CATL/ATL) são definidos atualmente como:

Espaços institucionais que promovem a educação no tempo livre da criança (...) apresenta uma série de características específicas que se podem converter em potencialidades educativas que não devem ser desvalorizadas uma vez que são espaços frequentados por crianças de diferentes grupos etários e em diferentes níveis de aprendizagem. O animador do ATL pode assim, dar ênfase ao ócio coletivo, promovendo atividades que valorizem a socialização e a cooperação entre diferentes grupos (Bramão, 2000, p.13).

Os CATL são considerados como espaços de privilégio que permitem o enriquecimento social, expressividade, criatividade, sensibilidade e reflexão por meio do descanso ou da realização de projetos individuais ou coletivos. Este espaço pode ajudar jovens e crianças a compreenderem e serem responsáveis por suas realidades e obrigações na organização do tempo e do espaço e em suas dimensões sociais e educativas (De Araújo, 2004).

É preciso valorizar este espaço, pois também tem funcionalidades públicas para toda a comunidade. Muitos familiares necessitam do CATL para cumprirem suas obrigações laborais e

buscam por um local seguro e confiável para deixarem seus filhos. A dinâmica dos CATL e das atividades nos tempos livres como um todo devem impulsionar projetos, promover a participação ativa da livre expressão, uma comunicação mais aberta e principalmente estimular as relações dos grupos e o contato com o espaço físico. Isso aplica-se, também à educação especial pois, o direito a usufruir das atividades postas na escola, são para todos aqueles que necessitem, independente de suas condições físicas ou cognitivas (Bramão, 2000).

Sendo assim percebe-se a importância de pensar em um CATL que não se prenda exclusivamente às questões espaciais, mas que vá de acordo com as vontades e os recursos de cada um dos utilizadores, impulsionando e reforçando os instrumentos locais que vão além da concepção de ambientes educativos. Devem também permitir suprir a carência que é identificada na ideia de que momentos de lazer são delimitados por espaços pré-determinados, e que podem constranger os indivíduos que apresentem características específicas (Caçanheira et al., 2007).

Por meio desta articulação será possível entender que o CATL considerado apenas como um ambiente com suportes jurídicos em entidades públicas ou privadas, que se destina a crianças entre os 6 a 13 anos e que proporciona atividades de lazer apenas para alunos dessa rede, se transforma em uma estrutura ofertante de diversas possibilidades, acolhendo indivíduos que, mesmo com suas especificidades, serão cooperantes nas atividades desenvolvidas neste projeto (Caçanheira et al., 2007).

Muitos questionamentos surgem a respeito do funcionamento e das obrigações que se deve ter nestes momentos. Cuenca (1987, citado por Caçanheira et al., 2007) questiona, sobre o tempo livre como um espaço para comunicação e convivência de forma natural e espontânea. Entretanto, o CATL é considerado ao olhar de muitos, principalmente dos pais e responsáveis, como um espaço para a realização de deveres escolares (o que pode ser uma exigência deles), momentos de animação sociocultural ou apoio aos estudos. Muitos familiares tendem a exigir que mesmo as atividades de tempos livres, tenham certa estruturação, complementando o ensino formal.

No entanto, os períodos de atividades livres, devem ser algo não planejado e que lhes permitam o livre arbítrio da escolha do que fazer, dentro das possibilidades que há, havendo apenas a supervisão dos educadores ou assistentes operacionais. Neste sentido é preciso defender a importância da educação não-formal / informal e seu papel no desenvolvimento dos alunos, já que a escola não é o único agente formador do indivíduo. É preciso um conjunto de ações e estímulos para que haja a transformação social (Gomes, 2008).

Um dos objetivos principais do acesso e integração dos indivíduos com NEE nas atividades de tempo livre escolar, será o de contribuir para o desenvolvimento global do aluno. Também proporcionar o ensinamento de valores sociais, cooperativos, íntegros e igualitários, ainda que eles apresentem dificuldades que não os permitam expor de maneira imediata os avanços, mas que com muito esforço e dedicação as respostas possam ser notadas, apenas pelo simples ato de acolhimento e demonstração de preocupação da escola e de seus pares. É preciso que haja a conscientização para a cidadania, para a promoção de autoestima e da autonomia, quer aos mais variados níveis cognitivos e motores, o uso de atividades e momentos lúdicos / sensoriais que os direcionam às igualdades de oportunidades (Gomes, 2008).

Portanto ao se falar especificamente sobre os princípios e as dinâmicas dos CATL, é possível basear-se num ambiente em que se trabalha a construção coletiva, que busca a solidificação de diversas perspectivas, até mesmo o acolhimento e inclusão, ao mencionar que o processo de desenvolvimento local pode constituir por si só em um processo educativo diferente. O programa contribui para a formação de jovens e crianças que intervêm na construção e na recriação de novas dinâmicas e recursos que também podem ser instruídos ou delimitados pelos agentes educativos (Caçanheira et al., 2007).

Por fim, as atividades de tempos livres ou os prolongamentos escolares para as crianças com NEE podem ter como objetivo a contribuição de assegurar, motivar e potencializar as aprendizagens dos grupos a cerca deles próprios como membros de uma comunidade. Isso poderá acontecer através de atividades lúdicas, desafiantes e que possibilitem a construção de cidadãos participativos, que incluam e aceitem as diferenças de seus pares, e ofereçam a igualdade de oportunidades e acesso (Caçanheira et al., 2007).

4. Estudos sobre o uso das atividades de lazer, desporto, recreação e CATL para alunos com NEE

Esta seção apresenta, uma seleção de estudos aprofundados sobre: o uso do lazer e da recreação no desenvolvimento em fase escolar para alunos com ou sem NEE, a importância do desporto adaptado e dos momentos lúdicos nas escolas por meio dos programas de prolongamentos de horário, e o funcionamento e uso do CATL, que resultaram de uma revisão bibliográfica efetuada. Todas as pesquisas descritas foram levantadas nas bases de dados do *Google Scholar*, *Scientific*

Electronic Library Online (SciELO) e nos repositórios de dissertações e teses desenvolvidas em diferentes países, como Portugal e Brasil, sobre o uso das atividades lúdicas dentro e fora dos contextos escolares, que pudessem beneficiar de alguma forma os alunos com necessidades educativas especiais.

A seleção das pesquisas que compõem o presente seguimento teve como ponto de partida, as seguintes palavras-chaves: “lazer”, “recreação”, “desporto adaptado”, “o uso do lazer e da recreação”, “prolongamentos escolares”, “Centros de Atividades de Tempos Livres”. Também: “benefícios das atividades lúdicas”, “o uso do CATL”, “inclusão nas atividades de lazer”, “percepções sobre o CATL”, “conhecimento de professores sobre os tempos livres”, “necessidades educativas especiais”, “o desporto para alunos com NEE”, “inclusão”. Tais palavras foram combinadas a partir de pesquisas avançadas com o uso dos mediadores “AND” e “OR”.

Dando sequência às pesquisas realizadas, fez-se a selecção dos principais estudos com base nos seguintes critérios:

1. Estudos originais publicados em revistas, congressos científicos ou repositórios de universidades com foco em Portugal e Brasil;
2. Priorizaram-se publicações entre os anos de 2000 a 2023 (com base na pequena escassez de dados atualizados sobre a temática);
3. Estudos com relatos tanto individuais como em grupos;
4. Pesquisas de cunho qualitativo;
5. Em língua portuguesa;
6. Recursos oferecidos nas instituições de ensino, bem como o CATL;
7. Aplicação das atividades de lazer, recreação e desporto adaptado.

O processo de busca e seleção das publicações, ocorreu entre dezembro de 2022 a março de 2023. Havendo um certo impasse na quantidade de publicações que falassem sobre o assunto em específico nos dias atuais, ao finalizar a busca, foram encontrados com base nos fragmentos apresentados na temática do trabalho e conforme títulos e objetivos traçados, 71 documentos para análise. A partir de então foram excluídas 36 publicações com cariz de revisão da literatura abrangentes à temática, estudos em idiomas distintos ao foco principal da língua portuguesa e também estudos muito antigos que ultrapassassem em demasiado a margem dos anos 2000.

Após leitura e análise dos resumos das 35 publicações selecionadas, foi apurado que elas se encaixavam nos critérios preestabelecidos. A seguir foram escolhidas 14 pesquisas que melhor se adequaram ao estudo, sobretudo, em que cada uma abordasse de maneira efetiva determinadas áreas dos objetivos e finalidades traçados no trabalho. E, principalmente sobre como estes estudos se aproximam dos alunos com NEE, tanto em Portugal (que foi a área de pesquisa), como no Brasil.

Na Tabela 1 é possível verificar os dados das investigações selecionadas referentes aos autores, ano da publicação, país de origem da pesquisa, título do estudo e abordagem investigada. Logo após serão apresentados, sumariamente os processos norteadores de cada investigação.

Tabela 1

Estudos sobre o Lazer, Desporto, Recreação e Prolongamento Escolar

	Autores/ Ano	País	Estudo	Abordagem/finalidade
1	Dumazedier (2004)	França e Brasil	Lazer e cultura popular	O que é o lazer e as três principais funções do lazer.
2	Bramante (1998)	Brasil	Lazer: concepções e significados	Conceitos sobre o lazer e seu significado.
3	Werneck e Isayama (2003)	Brasil	Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física	Recreação e o lazer em contexto escolar.
4	Santos (2018)	Brasil	Atividades recreativas de inclusão no ensino fundamental: anos iniciais da educação formal	Socialização na Educação Inclusiva por meio das práticas recreativas.
5	Silva et al. (2011)	Brasil	A importância da recreação e do lazer	Desenvolvimento de políticas, programas e projetos por meio da relação lazer, recreação e o processo educativo.
6	Madureira e Leite (2003)	Portugal	Necessidades Educativas Especiais	Conceito de NEE e inclusão.
7	Lacerda (2017)	Brasil	Promoção de atividades físico-recreativas para estudantes com deficiência:	Desporto/Atividades físicas, para alunos com necessidades educativas especiais.

			um relato de experiência a partir de acadêmicos de educação física	Conceitos de NEE.
8	Santos et al. (2013)	Portugal	Desporto adaptado em Portugal: do conceito a prática	Origem, modalidades, práticas e conceitos do desporto adaptado em Portugal.
9	Celestino e Pereira (2016)	Portugal	A formação e o desenvolvimento do desporto adaptado: uma proposta de intervenção.	Formação e promoção do desporto adaptado.
10	Federação portuguesa de desporto para pessoas com deficiência (2016)	Portugal	O desporto para pessoas com deficiências.	O uso e benefícios do desporto para pessoas com Necessidades Educativas Especiais.
11	Cardoso (2011)	Portugal	A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado	A reabilitação física psicológica e social de indivíduos com algum tipo de deficiência.
12	De Araújo (2004)	Portugal	ATL: actividade de tempo livre sem tempo nem liberdade	Tempo livre, atividades norteadoras do quotidiano escolar.
13	Jezine e Araújo (2011)	Portugal	Desafios da inclusão em Portugal: a importância das atividades de tempo livre na promoção das aprendizagens	Desafios da inclusão nos prolongamentos escolares.
14	Winnick e Porreta (2017)	USA	Adapted Physical Education and Sport	Conceitos e o uso de diferentes práticas desportivas para pessoas com NEE.

Dumazedier (2004) foi uma das principais figuras nos estudos sobre o lazer e na formação dos indivíduos. Em seu texto o autor enfatiza a importância do tempo de descanso para a produtividade, criatividade e cognição humana. Ele coloca as definições do lazer em vários ângulos de acordo com

grandes pensadores, que diziam ser o lazer um espaço que possibilitava o desenvolvimento humano, as livres composições e que está diretamente ligado às experiências vividas por cada indivíduo. Para Dumazedier o lazer tinha três funções que eram: o descanso; o divertimento, a recreação e o entretenimento e também o desenvolvimento. Dentre tantas possibilidades de definições do lazer, o autor simplifica o estudo ao dizer que tal prática procura atender os interesses e as escolhas de cada um.

Bramante (1998) oferece também, outro ponto de vista a respeito da caracterização do lazer, suas pesquisas são apontadas e utilizadas em grande escala nas análises sobre as práticas, até os dias de hoje. O autor e doutor descreve tais mecanismos de distração, diversão e interação como transcendentais no desenvolvimento humano. Segundo ele a medida em que uma pessoa realiza determinada experiência de lazer, o fenômeno da existência se amplia tanto em qualidade como em quantidade. É a “janela” onde os indivíduos simplesmente se permitem “se perderem” no tempo e no espaço, gerando sensações de relaxamento, abertura para novas experiências, e que se relacionam diretamente com as oportunidades de acesso aos bens culturais.

Werneck e Isayama (2003) analisam sobre a importância de se aprofundar nos estudos do lazer e da recreação, no âmbito não só da educação física, mas, como um fator que vem a ser fundamental para a promoção de qualidade de vida. Os autores sinalizam em seu texto a construção da recreação como fator integrante nas disciplinas desportivas que engloba a formação e atuação tanto do profissional/professor de educação física quanto dos alunos e ajuda a repensar os significados e papéis destas práticas na formação e intervenção profissional e escolar.

Santos (2018) analisou em seu estudo o processo de socialização na educação especial dentro do ensino regular, por meio de práticas recreativas com o objetivo de reconhecer as atividades lúdicas e de recreação como uma ferramenta facilitadora e integradora no processo de inclusão e aprendizagem destes alunos. Também foram enfocadas pelo autor as técnicas utilizadas pelos professores do ensino regular direcionadas ao uso destas atividades como meio evolutivo para o aluno com NEE. Este estudo foi feito em 2017 em uma escola pública no Brasil, focada no ensino fundamental, com alunos do 1º ao 5º ano.

Silva et al., (2011) foram autores que elaboraram um caderno interativo nomeado como, “Elementos para o desenvolvimento de políticas, programas e projetos intersensoriais, enfatizando a relação lazer, escola e processo educativo”. Neste projeto é possível ampliar a discussão acerca do lazer sob a perspectiva educacional. O artigo traz possibilidades de apropriação dos conteúdos

pragmáticos no lazer, ao atuar de maneira transversal com as outras áreas do saber. Em conjunto com o ministério esportivo do Brasil, a coleção do Caderno Interativo, teve como principal objetivo a ampliação das políticas públicas e sociais no que se refere ao esporte, lazer e cultura em locais com maior vulnerabilidade ou que houvesse a necessidade de inclusão.

Madureira e Leite (2003) duas autoras especialistas nos estudos sobre a educação especial, oferecem uma bibliografia completa sobre as necessidades educativas especiais, publicada pela Universidade Aberta de Lisboa. Nesta obra é possível ter como base todo o conceito de NEE e a inclusão de alunos com estas especificidades. Com base nas Leis de Bases do Sistema Educativo a perspectiva das autoras é preconizar uma escola inclusiva que atenda não somente alunos com necessidades educativas especiais, mas que como sugere o livro, todos aqueles que apresentem contextos étnico-culturais diferentes, desencadeando a mudança curricular básica neste processo.

Lacerda (2017) em sua investigação desenvolveu uma análise à volta das possibilidades de atividades e ações indicadas, para as práticas de atividades físicas em pessoas com necessidades educativas especiais no regime da educação especial. A temática surgiu por meio de um grupo de estudos e foram avaliados e recolhidos todos os dados a partir de oficinas e grupos desportivos que trabalhavam as atividades físico-recreativas adaptadas.

Santos (et al., 2013) estudaram o desporto adaptado sob uma perspectiva de combater o abandono, exclusão e a discriminação recorrente, a pessoas com necessidades educativas especiais. Os objetivos do trabalho elucidaram a origem do desporto adaptado em Portugal, quais as modalidades mais praticadas dentro e fora das escolas e como tais modalidades são divididas. O intuito do trabalho foi alertar e se aprofundar sobre as causas e efeitos destas práticas nestes grupos de indivíduos, na busca de novas estratégias de trabalho.

Celestino e Pereira (2016) discutem o desporto adaptado como uma prática essencial ao longo da vida, uma modalidade de excelência e como um instrumento para a elaboração de estratégias que ajudem a melhorar o desempenho físico e motor dos indivíduos com NEE. O texto exemplifica e realça a importância das boas práticas desportivas e traz maior reflexão acerca de todo o processo de formação do desporto adaptado, com o objetivo de apresentar o desporto como um estilo de vida que promove a evolução de pessoas com ou sem necessidades educativas especiais.

A Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (2016) elaborou um manual desportivo, que aborda o desporto como a categoria que melhora as condições físicas e psíquicas de pessoas ou grupos de pessoas, aprimorando relações e sendo uma forte base para a melhoria na qualidade de vida e saúde dos cidadãos. O manual enquadra o conceito das atividades em

conjunto com as definições de NEE e as adaptações necessárias para que hajam modalidades e movimentos desportivos voltados para todos os tipos de pessoas, em específico os indivíduos com NEE.

Cardoso (2011) e Winnick e Porreta (2017) verificam a reabilitação física, psíquica e social de pessoas com determinados tipos de necessidades educativas especiais. Nas duas pesquisas é possível ver a importância do termo e do uso do desporto para o aprimoramento físico e social. As pesquisas mostram métodos de adaptação e materialização das atividades, tendo como principal objetivo a reabilitação de pessoas com NEE através do desporto adaptado, evidenciando quais contribuições são notáveis para melhorar a qualidade de vida deste grupo.

De Araújo (2004) visou em sua pesquisa, perceber e reconhecer o trabalho feito nos prolongamentos escolares, especificamente nos Centros de Atividades de Tempos Livres. A autora baseou sua pesquisa em um grupo de crianças com idades de 6 a 12 anos, que se enquadra nestas atividades. Em sua análise é possível perceber como é, e como funcionam os tempos livres, a forma como são pensados estes espaços e como são administrados. É possível observar exemplos expostos na pesquisa ao focar a análise de dados em duas instituições que ofereciam este apoio à infância, e que mostram os constrangimentos e benefícios destas atividades.

Por fim, em um dos poucos artigos que abordam a temática da inclusão nos prolongamentos escolares, Jezine e Araújo (2011) mostram os desafios da inclusão nos agrupamentos de escolas de Portugal, frente à inserção de alunos com NEE nos prolongamentos. Em seu texto é possível analisar os fatores curriculares e educacionais com base no programa para alunos do 1º ciclo. Esta foi uma investigação de estudo de caso em que foi analisado especificamente o processo de adaptação de uma criança com trissomia 21, que passa a frequentar o Centro de Atividades de Tempos Livres em uma escola regular de Lisboa, sendo possível analisar a proatividade da escola e a quebra de alguns paradigmas.

Com base nos 14 documentos apresentados na literatura desta pesquisa, podemos conferir que os estudos sobre o lazer, desporto, recreação e tempos livres ainda são escassos, tanto em repositórios nacionais como internacionais. Nota-se maior destaque no estudo do desporto e desporto adaptado tendo 5 artigos citados. Depois, com base na busca de dados, são enfatizados os estudos do lazer com maior facilidade de busca e, por fim, sublinham-se os estudos sobre a recreação e os tempos livres, bem como o CATL, com pouca literatura a ser investigada. Por sua vez, a base de dados esteve em sua totalidade centrada em Portugal e no Brasil, uma vez que ficou dentro dos critérios preestabelecidos na altura em que foram realizadas as buscas.

A seguir serão apresentados, no capítulo da metodologia, a descrição dos procedimentos metodológicos usados na investigação, o desenho da investigação, o contexto e seleção dos participantes, a finalidade e os objetivos, o instrumento de pesquisa desenvolvido para a recolha de dados, a análise, interpretação e os critérios de confiabilidade da pesquisa.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Em uma pesquisa, a opção metodológica e os métodos de recolha dos dados dependerão da natureza do estudo e do tipo de informação que se deseja obter. Sendo assim, a pesquisa qualitativa parte do princípio da interpretação dos comportamentos e fenômenos estudados, no qual o investigador será direcionado por um fio condutor que guiará o seu trabalho, na intenção de dar início de forma rápida, estruturada e coerente ao assunto (Almeida & Freire, 2017). Assim como diz Weber (2010) um investigador que acompanha o processo criativo de um profissional, não descreverá a realidade de modo fiel e exato, mas sim o ajudará a reconstruí-la.

Desta forma, “(...) em qualquer descrição, há uma margem de interpretação a partir de uma seleção de informações e de uma atribuição de significados a esta seleção”, dando-lhe um caráter único e referencial de seu pesquisador (Weber, 2010, p. 03).

Partindo deste ponto, neste capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos que deram embasamento para a realização deste estudo, apresentando aspectos pertinentes à abordagem metodológica qualitativa. Será feito de forma detalhada, o desenho da investigação que se segue pela seleção da localização geográfica que se desenvolveu o estudo, com as delimitações do processo de caracterização e seleção dos participantes, bem como os objetivos e finalidades do estudo. A seguir serão descritos o contexto e os participantes que contribuíram para a coleta de dados, o instrumento de pesquisa adotado para a recolha destas informações, bem como o procedimento de recolha de dados, a análise e interpretação dos dados obtidos. E, por último, os critérios de confiabilidade e sigilo referentes às informações obtidas na pesquisa.

2.1 Opção metodológica

Em uma investigação, a opção metodológica e os métodos de recolha de dados e de exploração do assunto, dependerão da natureza do estudo e do tipo de informações que se deseja obter (Bell, 2016). A pesquisa qualitativa busca diferentes maneiras de relatar um mesmo assunto, visto por outras perspectivas que determinam a realidade com base na experiência. Isto é feito por meio da interação entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos no estudo (Duarte, 2002).

A pesquisa qualitativa tem como característica delimitar os princípios dos comportamentos e fenômenos do estudo. Pode ser considerada como um estudo *interpretativo* ao se basear na importância das relações humanas a partir do seu convívio, e também como uma abordagem *experencial* e *personalística* ao compreender diversas percepções e dados representativos, podendo incluir notas, registros, imagens e entrevistas (Stake, 2016).

Neste sentido, esta investigação é de natureza qualitativa pois tem como objetivo, caracterizar quais são as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, que incluem e beneficiam alunos com NEE, a níveis do desenvolvimento escolar e social nos agrupamentos de escolas na Região Norte de Portugal.

A abordagem qualitativa por ser considerada também como situacional, ao direcionar os objetivos oriundos de respostas a momentos únicos que se opõem à generalização, busca a compreensão detalhada de diferentes visões de uma mesma situação (Stake, 2016). Neste caso é o aprofundamento da identificação e reconhecimento das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres para alunos com NEE, em conjunto com a análise das percepções, aptidões e experiências, dos professores participantes, dentro dos agrupamentos de escola na Região Norte de Portugal.

Segundo Merriam (1998, citado por Rodrigues et al., 2021) uma pesquisa qualitativa fundamenta-se pela análise, descrição e interpretação dos dados retratados em investigações críticas ou dinâmicas. Estuda a relação humana em ambientes diversos de acordo com seus fenômenos, a fim de obter a decodificação e reconhecimento dando sentido aos fatos e acontecimentos investigados.

Considerando os objetivos delineados nesta investigação, sobre a caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, que incluem e beneficiam alunos com NEE, a níveis do desenvolvimento escolar e social, a abordagem qualitativa foi a que melhor se enquadrou. Isso porque permitiu explorar e transitar entre os tipos de atividades oferecidas e as aptidões dos professores do ensino básico nos agrupamentos de escola na Região Norte de Portugal.

2.2 Desenho da Investigação

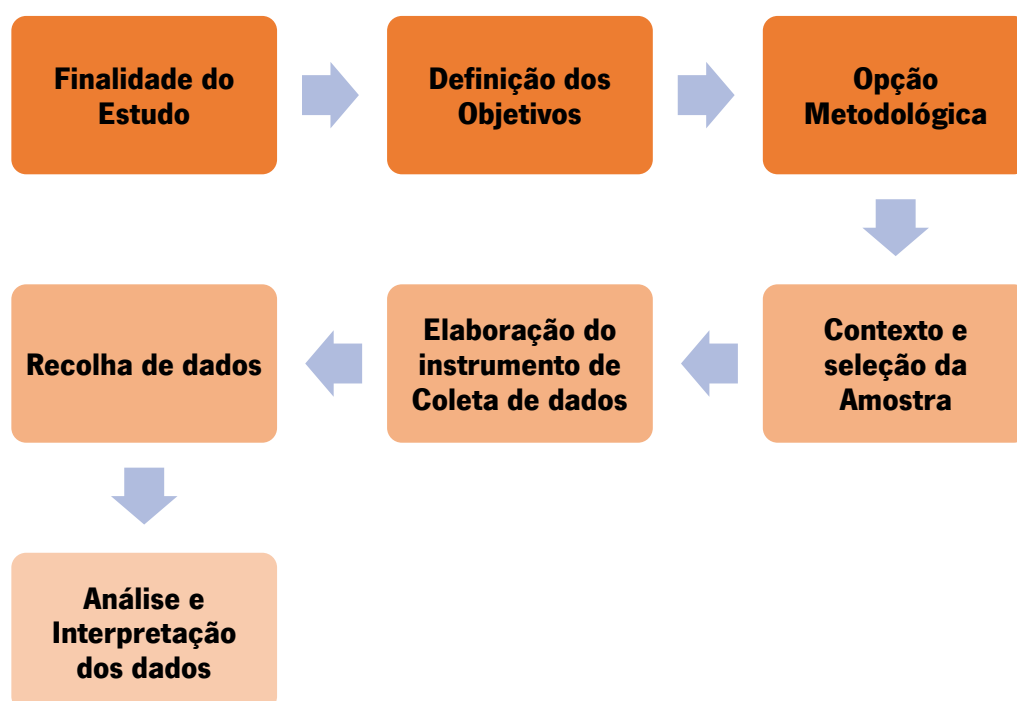
Para dar início ao processo investigativo com base nos objetivos traçados na pesquisa, foi preciso elaborar um desenho da investigação e definir determinados procedimentos que seriam utilizados na realização do estudo. Sendo assim a pesquisa de campo se deu com a delimitação geográfica centrada na Região Norte de Portugal, estreitando-se aos seus agrupamentos de escolas. A localização foi escolhida também, como um facilitador para a pesquisadora por questões de acessibilidade e conveniência.

Na sequência, delinearam-se os critérios de escolha dos participantes, de maneira assertiva para a recolha de dados através das entrevistas semiestruturadas, com o intuito de aumentar as chances do ganho de novas informações que fossem relevantes aos objetivos do estudo e que posteriormente obtivesse-se material para futura análise de dados.

Perante o exposto, o desenho metodológico da elaboração do estudo é apresentado em etapas, conforme exemplifica figura a seguir (ver figura 1), que alinhou os respectivos instrumentos e procedimentos na construção dos dados que serão analisados e decorridos sequencialmente:

Figura 1

Esquema Metodológico da Pesquisa



Segundo Almeida e Freire (2017) a construção estrutural de uma pesquisa, valida os princípios de forma crítica, explorando as hipóteses e os resultados obtidos na análise. Os vários momentos que podem ser apresentados no estudo “devem ser considerados quer numa lógica de delimitação de informação e procedimento, quer numa lógica de sequencialização ou interdependência das decisões a tomar” (p. 9).

Sendo assim conforme o esquema descrito na figura 1, todas as etapas da pesquisa devem estar relacionadas com os princípios teóricos descritos a seguir:

Finalidade do estudo: O presente estudo teve como finalidade analisar as percepções e experiências dos professores do ensino básico sobre a utilização das atividades de lazer, desporto e recreação, que incluem alunos com NEE dentro e fora dos espaços escolares, por meio da caracterização destas práticas nos agrupamentos de escolas da Região Norte de Portugal.

Definição dos objetivos: Diante da necessidade de compreensão da realidade, foi estipulado como objetivo geral, caracterizar quais são as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, que incluem e beneficiam alunos com NEE, a níveis do desenvolvimento escolar e social nos agrupamentos de escolas na Região Norte de Portugal. Já os objetivos específicos do estudo foram: a) identificar e caracterizar quais são os tipos de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, para os alunos com NEE, b) perceber a opinião, aptidões, experiências e práticas, dos professores do Ensino Básico e de Educação Especial no que diz respeito às instituições onde exercem funções, sobre as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres realizadas por alunos com NEE, e c) identificar os lugares e contextos que oferecem as atividades de lazer, desporto e recreação para crianças com NEE bem como a procura pelos encarregados de educação por estes espaços.

Opção metodológica: para maior aprofundamento da temática, optou-se por uma abordagem qualitativa descritiva e interpretativa.

Contexto e seleção da amostra: os critérios e procedimentos para a seleção dos participantes, a saber, com base em indicações da orientadora e conversa com colegas de trabalho fez-se um convite pelas redes sociais (*WhatsApp e Messenger*) à professores e educadores da pré-escola e do 1º ciclo do ensino básico, que lecionavam ou já lecionaram para alunos com necessidades educativas especiais, nas escolas dos agrupamentos da Região Norte de Portugal.

Elaboração do instrumento de coleta de dados: em conjunto com a finalidade do estudo, de analisar as percepções e experiências dos professores do ensino básico sobre a utilização das atividades de lazer, desporto e recreação, que incluem alunos com NEE dentro e fora dos espaços escolares, por meio da caracterização destas práticas nos agrupamentos de escolas da Região Norte de Portugal. Formulou-se um guião de entrevista semiestruturada, no qual as questões tomaram forma com bases em: estudos a respeito do lazer, recreação, desporto, desporto adaptado e de todas as atividades de tempos livres, dentro e fora do âmbito escolar, que poderiam trazer algum tipo de benefício ao nível do desenvolvimento global, especificamente em alunos com necessidades educativas especiais.

Recolha de dados: aplicação de entrevista semiestruturada de maneira híbrida, com entrevistas aplicadas pessoalmente em local e data previamente combinados, como também com entrevistas via aplicação *Zoom*. Todas com autorização de confidencialidade e gravação de voz com posterior transcrição das falas na pesquisa.

Análise e interpretação dos dados: após transcrição dos áudios, foi feita uma organização sistemática das entrevistas, com maior exploração dos dados obtidos, para que assim se pudesse extrair valor, significação e mais assertividade na interpretação das informações, melhor se adequando à finalidade e aos objetivos do estudo.

2.2.1 O contexto e os participantes

Conforme já citado, durante a fase de desenvolvimento educacional dos indivíduos, as aquisições conjuntas de ações familiares, sociais e educacionais têm como finalidade o desenvolvimento global de crianças com ou sem Necessidades Educativas Especiais (NEE), em seus aspectos psicomotor, cognitivo, afetivo e social (Carneiro, 2022).

Assim como destaca Meneghetti (et al., 2013) as diversas possibilidades de lazer e recreação, como as atividades físico-esportivas, manuais, artísticas, intelectuais, sociais, turísticas e virtuais, devem estar ao alcance das pessoas com NEE, pois estas contribuem para seu processo de desenvolvimento pessoal e social, e podem garantir maior aquisição de autonomia para quem delas participam.

Diante destas afirmações e de um período de estágio da pesquisadora no ano de 2023, ao prestar serviços num programa de férias, em um dos Centros de Atividades de Tempos Livres (CATL) de uma escola de ensino básico, com um pequeno grupo de crianças com NEE de idades entre 7 e 12 anos, surgiu-se o interesse em abordar a importância e utilidade dos tempos livres na educação especial. E, diante disso, perceber quais seriam os benefícios de atividades livres, jogos de convívio e momentos de lazer e descanso, com o intuito de que estes alunos se sentissem parte da sociedade escolar e social como indivíduos opinantes.

Diante dos objetivos traçados na investigação, foi selecionada uma pequena parte frente à população de professores, que já lecionaram ou não para alunos com NEE nos anos iniciais, mas que mesmo assim pudessem compreender como elementos da amostra, a fim de se criar condições para que os dados que serão recolhidos e analisados sejam significativos para o problema em questão (Almeida & Freire, 2017).

As amostras podem ser aleatórias ou estratificadas, métodos mais utilizados nas pesquisas em Educação e Psicologia, uma vez que estas afunilam uma melhor caracterização da população, que oferecerá garantias em níveis de procedimentos, probabilidades e hipóteses dos dados obtidos. Ao definir com precisão a população-alvo da pesquisa, o caráter da amostra determina que todos os sujeitos da investigação tenham igual probabilidade de contribuir nos resultados obtidos (Almeida & Freire, 2017).

Posto isso, com base no objetivo de perceber a opinião, aptidões, experiências e práticas, dos elementos, foram delimitados alguns critérios orientadores para a escolha dos participantes, de modo que partilhassem suas vivências. Sendo estes:

- a) Professores do Ensino Básico ou Educação Pré-escolar, que já tiveram alunos com NEE incluídos nas suas turmas;
- b) Professores de Educação Especial;

Dando sequência aos critérios de escolhas, foram entrevistados 6 professores que lecionam no Ensino Básico e na Educação Especial, da rede pública nos agrupamentos de escola na Região Norte de Portugal, que forneceram entrevistas significativas em relação aos objetivos estabelecidos e que serão analisados e discutidos neste estudo. Assim a amostra é representada na Tabela 2, a seguir, e descrita no capítulo da apresentação dos dados.

Tabela 2*Caracterização dos Participantes*

Participante	Idade	Formação	Função atual	Tempo atuação	Experiência NEE	Âmbito de atuação
E1	48 anos	Português/Francês, com especialização em Educação Especial	Professor do 1º ciclo	25 anos	Sim	Escola Pública
E2	45 anos	Educação Física com especialização em Educação Especial (todos os grupos 910, 920 e 930)	Professor 1º ciclo em Educação Especial	20 anos	Sim	Escola Pública
E3	44 anos	Ensino Básico e Educação Especial	Professor do 1º ciclo em Educação Especial	11 anos	Sim	Escola Pública
E4	51 anos	Licenciatura Ensino Básico, Mestrado em Sociologia da Infância, Especialização em Intervenção Precoce	Professor Ensino Básico	27 anos	Sim	Escola Pública
E5	40 anos	Licenciatura Ensino Básico	Professor Ensino Básico	14 anos	Sim	Escola Pública
E6	45 anos	Licenciatura em Ensino Básico	Professor Ensino Básico	23 anos	Sim	Escola Pública

Os profissionais recrutados para este estudo pertenciam ao Ensino Básico (pré-escola e 1º ciclo) e Educação Especial, atuavam com crianças que apresentavam NEE em contexto de salas de aula mistas e homogêneas, e todos trabalhavam em entidades públicas dos agrupamentos de escolas na Região Norte de Portugal.

Conforme Tabela 2, os entrevistados possuem idade mínima de 40 anos e máxima de 51 anos. Sobre a formação académica de cada, todos os participantes são professores do Ensino Básico, divididos entre 1º ciclo e Pré-escola, com variações nas especializações:

Uma é professora do 1º ciclo com especialização em educação especial, outro é professor também do 1º ciclo com especialização nos três grupos de recrutamento da educação especial (910, 920 e 930), e trabalhava com uma sala somente de alunos surdos. E, por último, uma outra professora de 1º ciclo com especialização em NEE, que trabalhava em uma instituição de educação especial. Já as outras três entrevistadas eram professoras do Ensino Básico que atuavam na pré-escola, e que possuíam apenas experiências com alunos com NEE, mas sem especializações curriculares.

Em relação ao tempo de serviço na área da educação, os participantes informaram ter o mínimo de 11 anos e o máximo de 27 anos de experiência. Foi constatado que todos os professores tinham atividades laborais a tempo inteiro em apenas uma instituição durante o ano letivo de 2023/2024, em turnos diurnos, havendo apenas o constrangimento de deslocação para dois dos entrevistados que trabalhavam em cidades diferentes de suas moradias.

2.2.2 Instrumento de recolha de dados

Para atingir os objetivos do estudo, optou-se pela entrevista semiestruturada, dado que para os trabalhos de teor qualitativo os instrumentos de pesquisa e recolha de dados que mais favorecem o estudo são os de observações ou entrevistas, pois permitem um exame detalhado e sistemático do assunto e dão maior liberdade ao dialogar com os participantes. Assim como diz Minayo e Gomes (1994) as entrevistas dão voz aos entrevistados, e privilegiam a obtenção de informações que podem demonstrar condições estruturais, sistemas de valores, normas e representações por meio de um remetente. Na entrevista semiestruturada o participante tem a possibilidade de discorrer sua experiência sobre o tema proposto de maneira livre e espontânea.

Utilizar-se da entrevista para obtenção de informação é buscar compreender a subjetividade do indivíduo por meio de seus depoimentos, pois se trata do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social etc.; é sempre um, entre muitos pontos de vista possíveis. É extrair daquilo que é subjetivo e pessoal do sujeito e pensarmos numa dimensão coletiva, nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem ou se estabeleceram no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa ou participou, em um determinado tempo e lugar (Duarte, 2004, citado por Batista et al., 2017, p. 04).

Sendo assim, as questões da entrevista foram elaboradas com base na identificação dos tipos de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres oferecidas para alunos com NEE, em conjunto com as percepções e aptidões dos professores de escolas regulares sobre o uso destas práticas em suas respectivas escolas. Portanto, o guião da entrevista semiestruturada (Anexo A) foi composto, por tópicos que sucederam a elaboração de 14 perguntas, organizadas por três blocos temáticos:

Bloco temático I: caracterização sociodemográfica que possibilitou conhecer determinadas características dos entrevistados como: idade, tempo de serviço, formação acadêmica, função a desempenhar e quais as experiências já vivenciadas no campo da Educação Especial.

Bloco temático II: identificação, descrição e relevância das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres para os alunos com NEE, em que o entrevistado pôde descrever o que são tais atividades sob o seu ponto de vista. Descreveu, também sua opinião sobre o uso dessas atividades no desenvolvimento e estímulo de competências dos alunos com NEE e suas experiências e vivências com a proposta do trabalho.

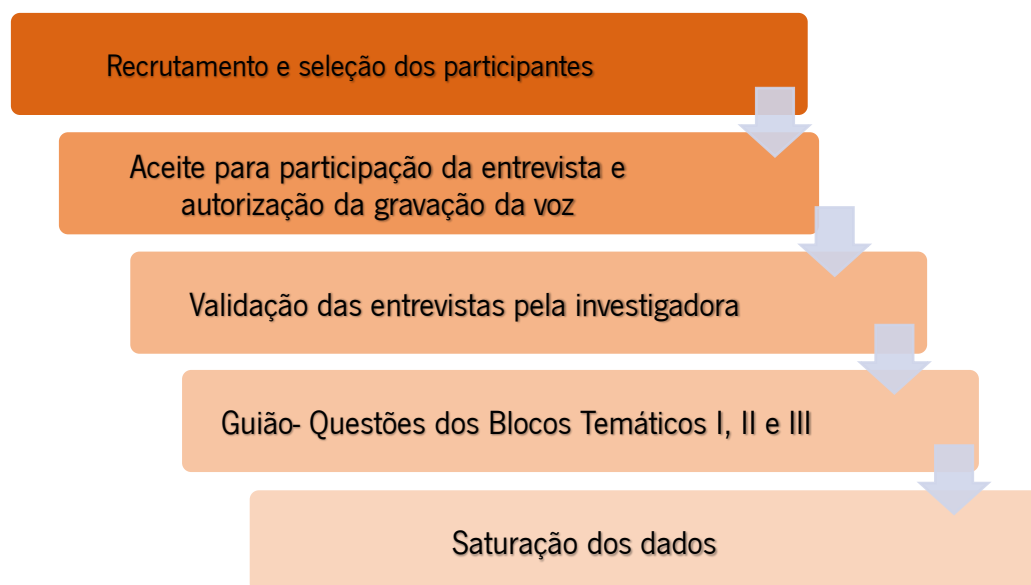
Bloco temático III: opinião e conhecimento sobre os lugares e contextos, que oferecem atividades não curriculares para os alunos com NEE, no qual o entrevistado pôde identificar se sua respectiva instituição, oferece ou não atividades lúdicas e de convívio para alunos com NEE. Foi possível também opinar sobre o preparo das equipes pedagógicas para receber estes alunos nestes espaços e avaliar a oferta e uso do CATL como valência que responde às solicitações dos encarregados de educação e como fator de inclusão e desenvolvimento.

2.2.3 Procedimento de recolha de dados

A seguir na Figura 2, apresentamos o passo-a-passo do processo de recolha de dados, que se segue pela descrição detalhada de cada etapa.

Figura 2

Processo da Recolha de Dados



Prévia e incisivamente é ressaltada que a presente investigação foi submetida à análise, no cumprimento do n.º 5 do art. 169º do Regulamento Académico no qual se validou a autorização de execução da pesquisa em Portugal. O projeto de dissertação no âmbito do Mestrado em Educação Especial foi aprovado pela Senhora Presidente do Conselho Científico do Instituto de Educação da Universidade do Minho, em despacho datado a 6 de fevereiro de 2023. A pesquisa foi realizada em território nacional e com professores do Ensino Básico dos anos iniciais.

Antecipadamente e com o auxílio da orientadora do projeto, foi feito pela pesquisadora um levantamento prévio de possíveis interrogados, que poderiam participar das entrevistas. Em sequência realizou-se o contato por meio das redes sociais com alguns professores que já lecionavam nos anos iniciais e com professores da educação especial, com a finalidade de os convidar a contribuírem de modo voluntário com o estudo, através de uma entrevista pessoal com a pesquisadora. Deste modo foram informados sobre a temática do presente estudo, os objetivos, pertinência e, principalmente, o pedido e aceite, da garantia do anonimato. Todas as informações foram sintetizadas em um pequeno texto enviado aos colaboradores do qual se aguardou o retorno.

Após contato com os professores, respectivos feedbacks sobre as entrevistas, permissão de anonimato e gravação de voz, para posterior transcrição das falas, foi enviado o guião da entrevista para que eles já estivessem a par das perguntas e questionamentos que iriam ser abordados. As entrevistas, em sua maioria, foram feitas presencialmente, uma parte nos espaços de estudos do Instituto de Educação da própria universidade. Também foram realizados alguns encontros em locais escolhidos pelos próprios entrevistados de modo a facilitar e dar maior liberdade de escolha sobre o horário e local da entrevista. Por questões de deslocação e conciliação de horários com a pesquisadora, alguns dos entrevistados pediram para que fossem feitas as entrevistas de forma on-line, via aplicação *Zoom*.

A respeito dos termos de consentimento e sigilo das entrevistas, no corpo da mensagem elaborada e enviada pelas redes sociais, para cada colaborador, foi feito um pedido de autorização do uso das respostas e dados, que seriam gravados por meio de uma aplicação de voz *Voice Memos* no ato da entrevista, e, posteriormente transcritos e inseridos na pesquisa. Sendo assim, após confirmação de participação e do uso das respostas, cada um dos professores indicaram dias e horários que não implicassem em seus compromissos pessoais para a realização das entrevistas. A etapa de recrutamento, seleção e consentimento pelos entrevistados perdurou entre fevereiro e março de 2023.

Todas as entrevistas ocorreram entre os meses de março e abril de 2023, tiveram uma duração média de 40 min à 1 hora de conversa. Como já mencionado o local ficou a critério dos professores participantes, e cada uma das entrevistas ocorreu individualmente em locais silenciosos e confortáveis para todos.

Segundo Batista (et al., 2017), uma entrevista semiestruturada é caracterizada como um meio de interação social e como um diálogo aberto. No intuito de coletar dados e informações ela busca valorizar o uso da palavra, símbolos e signos comuns no dia a dia e nas relações humanas, os quais seus protagonistas utilizam para dar sentido sobre a realidade que os cercam. É um instrumento planejado para obter dados a respeito de conhecimentos, ações, crenças e experiências.

Dando continuidade ao processo de recolha de dados, nas datas estipuladas foram realizados os encontros individualizados com os entrevistados. Antes que se iniciassem as perguntas, foram repassadas mais uma vez a confirmação e consentimento de gravação da voz por meio da aplicação *Voice Memos*, no telemóvel da pesquisadora, garantindo novamente o anonimato dos participantes. Também foi criado um ambiente acolhedor e descontraído para que os entrevistados se sentissem

confortáveis e pudessem falar de forma espontânea, natural e honesta. Foi recapitulada brevemente, ainda a temática do trabalho, os objetivos e a relevância da participação do entrevistado na pesquisa.

Ainda de acordo com as ideias de Gil (2008), na fase das entrevistas que são vistas como um dos pilares da pesquisa acadêmica é fundamental que desde o princípio crie-se um ambiente de cordialidade e simpatia, no intuito de que o entrevistado se sinta livre de qualquer pressão, intimidação, influência ou constrangimento.

Durante uma entrevista, Gaskell (2002, citado por Batista et al., 2017) diz que o pesquisador deve atentar-se às técnicas de abordagem sobre determinados assuntos. É preciso saber também que as perguntas fundamentais de uma entrevista não devem vir por deduções, mas sim como resultados de uma teoria fundamentada e norteadora para a construção das indagações. Em uma entrevista semiestruturada, mesmo sendo uma abordagem mais livre são importantes, o preparo e a assertividade das questões em conjunto com a temática discutida. Sendo assim ocorreram as 6 entrevistas gravadas autorizadas e posteriormente transcritas e analisadas.

Concluída a etapa de validação da investigação, recrutamento e execução das entrevistas, conforme a elaboração do guião, buscou-se introduzir as questões dos Blocos Temáticos I, II e III (descritos na página 51). Porém, conforme decorriam as entrevistas alguns novos questionamentos foram levantados, uma nova visão sobre o assunto se formou e também algumas perguntas foram remanejadas, para que se mantivessem a coerência e fluxo do diálogo, em conjunto com a temática. De acordo com Belei (et al., 2008, citado por Batista et al., 2017) um bom entrevistador sabe ouvir de forma ativa, demonstrando interesse, sabe realizar novos questionamentos, confirmar e compreender as palavras ditas, mas, sem influenciar o discurso do entrevistado. Ele sabe aprofundar o assunto e se atenta aos detalhes mais importantes.

A finalização da etapa de recolha de dados ocorreu pela saturação das informações. Neste momento o entrevistador tem consciência da altura de encerramento do diálogo, e deve concluir a entrevista em um ambiente de cordialidade, já tendo material suficiente para análise, que o permitirá fazer boa utilização dos resultados frente à temática pesquisada e sem que haja o desperdício de informações (Gil, 2008).

2.3 Análise e interpretação dos dados

Toda investigação tem como parte relevante de sua construção, o processo analítico dos dados obtidos na pesquisa. Assim como aponta Alves (et al., 1992), a análise de dados pode ser caracterizada como um processo indutivo, que fideliza e organiza seus dados ao universo da vida cotidiana dos indivíduos, e que melhor se encaixa nas pesquisas de teor qualitativo, uma vez que alcança diferentes significados de uma mesma experiência ou contexto vivido.

Com o intuito de verificar e buscar respostas às questões norteadoras do projeto, procuramos organizar de modo sistemático todas as respostas obtidas pelos participantes a fim de uma melhor interpretação. Sendo assim os dados recolhidos foram apresentados pelo método da análise de conteúdo. Assim como diz Stake (2016), a análise de conteúdo pode ser escolhida como procedimento mais adequado de acordo com os objetivos traçados na pesquisa pelo pesquisador, pois além de efetuar a interpretação após a coleta de dados é possível desenvolver técnicas refinadas em busca da decodificação dos documentos para alcançar um melhor resultado. Cada vez mais a análise de conteúdo mostra-se ideal para as pesquisas qualitativas.

Segundo Bardin (2010) a análise de conteúdo tem como uma de suas principais funções o desvendar crítico, ao procurar objetividade na exploração. O método se constrói pela junção de instrumentos de cunho investigativos em contínuo aperfeiçoamento. Nesta pesquisa optou-se pela formulação textual dos dados analisados, uma vez que a autora define a apresentação dos resultados como condições que permitem a classificação e significação da mensagem. Tais apresentações podem ser compostas por textos, imagens, quadros, etc., na busca da melhor organização das informações obtidas.

Ainda conforme orienta Bardin (2010, citado por Vosgerau et al., 2016) é preciso constituir-se de três critérios essenciais para a organização e elaboração da análise de conteúdo. O primeiro critério, é a pré-análise que procura operacionalizar e sistematizar as primeiras ideias do trabalho e que consiste no conjunto das seguintes etapas: sondagem dos documentos e materiais por meio da leitura flutuante (etapa a). Nessa etapa se dá o primeiro contato do pesquisador com os registros sobre o assunto pautado, sendo estes documentos de domínio público e que apresentem pertinência e coerência para que assim seja feita a seleção dos documentos (etapa b). A partir de leituras e interpretações exaustivas, que busquem esgotar o assunto de maneira a não omitir parte alguma,

ocorre a formulação das hipóteses e dos objetivos (etapa c). E, por fim a referenciação, recortes e indicadores por meio de menções nos documentos de análise (etapa d).

O segundo critério é a exploração do material, no qual o pesquisador destrincha todo o conteúdo bruto obtido até o momento, e o divide em categorias de análise (sistemas de codificação), que devem ser pensadas após a codificação dos dados da unidade de registro (que é o formato com que a mensagem será analisada, a fim de compreender sua significação dentro da unidade de registro). Esta parte, torna-se importante, pois conforme a escolha do segmento de análise, pode viabilizar e enriquecer ainda mais as interpretações e inferências¹ do estudo. Neste ponto é que se criam as categorias de análise, distribuídas no guião da entrevista que podem ser alteradas uma vez que são elaboradas antes, durante e após a coleta de dados (Bardin, 2010, citado por Vosgerau et al., 2016).

Sendo assim para facilitar a organização e o fácil acesso ao material obtido, nesta pesquisa foram utilizados os seguintes critérios de divisão: semânticos (categorização por temas), sintáticos (o uso de verbos, adjetivos e pronomes de maneira repetitiva), classificações (ao dividir os elementos para que haja uma melhor conexão entre os assuntos). E pelas palavras-chaves (facilitador na busca), para incluir os assuntos que deveriam ser abordados nas entrevistas.

Assim, as categorias de análises elaboradas neste estudo são:

1. Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar.
2. Vantagens e desvantagens na oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE.
3. Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar.
4. Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE.

Ainda, de acordo com a autora, o terceiro critério essencial é o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, em que os dados serão tratados e detalhados na busca de ampliar seus sentidos. É também o momento em que ocorre a condensação e ênfase das informações obtidas resultando assim na interpretação (individual). Neste momento há a junção da intuição, conhecimento teórico/bibliográfico, dados obtidos na recolha de dados da amostra e análise reflexiva e crítica em função dos objetivos da pesquisa (Bardin, 2010, citado por Vosgerau et al., 2016).

¹ Define-se *inferências*, como 1. Ato ou efeito de inferir, 2. Dedução, conclusão (Inferência, 2023).

Nesta pesquisa, após transcrição das 6 entrevistas em conjunto com a divisão das categorias de análise, foram explorados os materiais, classificados e mantidos, sendo todas as respostas apuradas.

À vista disto, decidiu-se apresentar os resultados da investigação de forma individual, conforme o ponto de vista de cada entrevistado, para que na sequência o eu pesquisador pudesse fazer a intermediação e conexão das perspectivas de cada participante, com o material obtido no capítulo do enquadramento teórico do trabalho.

2.4 Confiabilidade e confiança dos dados

Desde o princípio, assim como diz Merrian (1998, citado por Paiva et al., 2011) o pesquisador deve ter em mente que os trabalhos acadêmicos no geral devem atentar-se às questões éticas pertinentes que o levam a refletir sobre a clareza e a transparência do estudo que está realizando, para que nenhum dos dados recolhidos sejam profanados ou trazidos ao público de maneira inadequada.

Com base neste fato, o presente estudo sempre esteve atento em relação à confiabilidade e à segurança do trabalho, conforme já dito anteriormente. No ato do contato via redes sociais e mensagens de textos com os entrevistados, procuramos informar sobre a temática, objetivos, pertinência da pesquisa, a participação na recolha e análise dos dados e a garantia de confiabilidade e anonimato nas entrevistas individuais.

Foi enviado um pequeno texto com o pedido de autorização de uso, como segurador, no qual o entrevistado copiava e colava, assinalando em resposta o aval e permissão para o uso dos dados, gravação de voz e posterior transcrição das respostas. Assim como lhes foi dada a flexibilidade de escolha do horário e do local onde seriam realizadas as entrevistas.

Baseando-se nas afirmações de Richardson (1999, citado por Mozzato, 2011), é sempre importante destacar e validar a confiabilidade da pesquisa, cumprindo os critérios científicos, uma vez que todos os dados analisados servem como instrumentos mediadores sobre um mesmo fenômeno. A validação do uso indica a possibilidade de mediação do tema da pesquisa com os objetivos na busca de se chegar em conclusões coerentes e aplicáveis.

Sendo assim após recrutamento da amostra e recolha dos dados, a seguir serão apresentadas, detalhadamente, as perspectivas gerais e os principais trechos coletados das entrevistas, pertinentes à finalidade e aos objetivos da pesquisa.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O seguinte capítulo apresenta uma visão geral dos resultados obtidos na coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, elaboradas a partir da pertinência dos objetivos deste estudo. Por meio da análise temática serão apresentados e tratados, trechos relevantes e fundamentados nas respostas de seis professores dos anos iniciais, do Ensino Básico e da Educação Especial, que já lecionaram em algum momento de suas carreiras para alunos com necessidades educativas especiais, nos agrupamentos de escolas na Região Norte de Portugal.

A metodologia da análise de conteúdo foi adotada nesta pesquisa baseada nos preceitos de Bardin (2010), que seguindo o passo a passo orientado pela autora, estabeleceram-se categorias e subcategorias de análises que foram divididas e descritas de modo sistemático.

Sendo assim o mapeamento elaborado com base na unidade de contexto do assunto abordado e descrito pelos participantes, surgiu em conformidade com as seguintes categorias de análises:

1 Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar

- 1.1 Formação, motivação e competências;
- 1.2 Experiências e resultados.

2 Vantagens e desvantagens na oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

- 2.1 Opinião sobre as vantagens e desvantagens;
- 2.2 Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas.

3 Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar

- 3.1 Tipos de atividades oferecidas em contexto escolar;
- 3.2 Reconhecimento do uso do CATL para alunos com NEE;
- 3.3 Opinião sobre as aptidões dos professores e das escolas para receberem alunos com NEE no CATL.

4 Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

4.1 Solicitação dos encarregados de educação;

4.2 Outros espaços e contextos.

Nesta análise semântica, foi possível investigar as compatibilidades e diferenças entre os professores entrevistados, os diferentes espaços educativos que cada um trabalha, observar a aceitação e oferta das atividades de lazer, desporto, recreação e até mesmo as atividades de tempos livres que abrangessem os alunos com NEE. Também foi verificada a opinião dos entrevistados sobre as aptidões das escolas e dos professores e a importância do uso do CATL como fator de acesso e inclusão, no intuito de perceber se tais abordagens eram importantes ou até mesmo vantajosas nestes contextos. A análise permitiu que se definissem pontos cruciais que salientam a problemática do trabalho, em conjunto com a literatura e a coleta de dados.

A seguir, de forma descritiva estarão transcritas as falas dos participantes, respeitando sempre a confidencialidade e o sigilo. Os entrevistados serão identificados por letras e números em ordem crescente. Como o objetivo do estudo foi identificar e caracterizar as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, que abrangem, incluem e beneficiam em seu desenvolvimento escolar e social, alunos com NEE nos agrupamentos de escolas na Região Norte de Portugal, buscamos extrair as opiniões e os pontos de vista, dos professores com formação e tempo de experiência variados, mas, que atuam ou já atuaram na educação especial.

Sendo o gênero fator de menor importância na seleção da amostra, o trabalho esteve em maior escala com o gênero feminino. Foi solicitado que durante a entrevista os participantes descrevessem: o contexto educacional que lecionam, quais são as práticas de lazer, desporto e recreação que suas escolas oferecem, se trabalham com os prolongamentos de horário e como os alunos com NEE participam destes momentos. Buscou-se perceber a opinião, o reconhecimento e as experiências, no uso das atividades descritas, seu fator de inclusão bem como suas vantagens e desvantagens. Por fim, foram analisados os conhecimentos sobre lugares e contextos, que ofertassem as atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE fora do âmbito escolar, bem como dissertou-se acerca da solicitação e busca dos encarregados de educação sobre estes serviços para estes alunos.

Por fim, as transcrições das respostas foram feitas de forma fidedigna, de acordo com vocabulário e características idiomáticas de cada um dos entrevistados.

Perspectiva dos Participantes

Caso 1: E1

E1 tem 48 anos, tirou sua Licenciatura em Português/Francês e cinco anos depois se especializou numa Pós-graduação não continuada em Educação Especial pelo grupo 910, no ano de 2018. Já atua na área da docência há 25 anos.

1 Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar

1.1 Formação Motivação e Competências

E1 tem como formação base a Licenciatura em Português/Francês, a entrevistada relata que cinco anos após a conclusão da faculdade, ela se sentiu motivada a tirar uma Pós-graduação em Educação Especial no grupo de recrutamento 910 (domínio cognitivo e motor). Sua maior motivação para esta formação foi o interesse em ajudar ainda mais os alunos com NEE que pudessem estar em sua sala de aula, bem como pelo seu filho que também é uma criança com necessidades educativas especiais.

1.2 Experiência e Resultados

Como o corpus do estudo restringe-se a Educação Especial, E1 ao ser questionada se havia experienciado a docência nesta valência diz já ter tido experiência na docência de alunos com necessidades educativas especiais no contexto integrado. Esses alunos estiveram juntos de outros alunos do ensino regular, mas ela já considera como alguma experiência em termos adaptativos e de inclusão, principalmente para ela como docente.

2 Vantagens e desvantagens da oferta das atividades de lazer, desporto e recreação em contexto escolar

a. Opinião e reconhecimento sobre as vantagens e desvantagens

Quando questionada se conseguia ver algumas vantagens e desvantagens, no uso das atividades de lazer, desporto e recreação para os alunos com NEE, como forma de interação social dentro e fora do contexto escolar, E1 diz que sim. A entrevistada vê muitas vantagens e acha muito importante o uso destas práticas, ela cita o desporto como exemplo, ao pontuar que leva seu filho a Boccia, Handebol e Natação, e consegue notar grandes evoluções em níveis de socialização, concentração, paciência e maior tranquilidade no convívio com os pares.

b. Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas

E1 ao ser questionada se pensa ser possível que os alunos com NEE desenvolvam competências por meio das práticas de lazer, desporto e recreação, respondeu de forma positiva, ao defender estes momentos como contextos que podem ser utilizados, no intuito de incluir e socializar estes alunos com as outras pessoas do convívio escolar, tanto crianças como os adultos também.

3 Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar

a. Tipos de atividades oferecidas para alunos com NEE em contexto escolar

Já no que diz respeito se a escola em que trabalha oferece ou não, atividades de lazer, desporto e recreação para os alunos com NEE, E1 afirma que não é oferecida nenhuma atividade nesta vertente. Ela diz que a instituição disponibiliza apenas as atividades de enriquecimento curricular (educação física e teatro). Neste caso E1 diz que sua escola tem somente um aluno com NEE incluído nestas atividades, e que ele apresenta uma dificuldade não perceptível. A entrevistada enfatiza que o aluno consegue falar e ler, e que o que mais lhe afeta é a parte cognitiva como atenção, concentração e também alguns problemas familiares.

E1 destaca que a escola oferece, também, as terapias da fala e ocupacional, mas que não vê grandes resultados e não as considera como práticas de lazer ou recreação.

b. Reconhecimento do uso do CATL para alunos com NEE

Quando questionada se sua escola oferece o CATL para alunos com NEE e se haveria graus de dificuldades que poderiam impedir estes alunos de frequentar o prolongamento, sua resposta foi que “sim, e temos um aluno com NEE sim”, mas que “é difícil, em todos os CATL são difíceis, normalmente há até a recusa, por não termos pessoas que possam ficar com eles”.

Outro questionamento levantado foi se os alunos com NEE poderiam ou não desenvolver competências nas atividades do CATL ou se são apenas momentos de entretenimento. E1 respondeu que “sim podem, a nível motor, cognitivo, visão... não é como se fosse um entretenimento porque eles desenvolvem a socialização a autonomia”.

c. Opinião sobre as aptidões dos professores e da escola para receberem alunos com NEE no CATL

Ao dar sua opinião sobre o preparo e as aptidões de sua escola como um todo, e dos professores e profissionais, para receber os alunos com NEE nas atividades do CATL, E1 relembra que o aluno que está a frequentar o prolongamento atualmente é um menino funcional “tem medidas seletivas, mas que é um menino que só tem déficit de atenção, concentração, não é um menino com uma doença assim... não tem autismo (...)”. Por isso diz não estarem preparados para recebê-los “não temos técnicos especializados para estarem com eles, quem fica com eles, por exemplo, no CATL é uma pessoa com formação dita normal, sem especialização na área”.

4 Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

a. Solicitação dos encarregados de educação

Um ponto importante que a presente pesquisa enfatiza é o uso destas atividades como apoio aos pais e responsáveis destes alunos em situações de rotina e também emergenciais, quanto à solicitação e questionamentos destes familiares sobre estas atividades para os seus filhos. E1 objetiva sua resposta se colocando no lugar de profissional e mãe de um aluno com NEE, e diz que “sim questionam, eu mesma estou neste barco, não é?! Pelo meu filho, e nós questionamos, mas as

respostas são muito poucas, e sim é muito difícil para os pais, eu, por exemplo, para este ano onde meu filho está no 5º ano, só um sítio que me abriu, que encontrei para deixá-lo”.

A entrevistada mesmo buscando separar as coisas diz: “eu tenho as duas vertentes (mãe e professora), meu filho tem uma síndrome rara. Síndrome Sly”.

b. Outros espaços e contextos

Por fim, foi finalizada a entrevista com o questionamento se E1 conhecia outros espaços e contextos que ofereciam atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres para alunos com NEE, que fossem além da escola. A entrevistada disse que para estes casos os lugares que ela conhecia seriam “apenas os locais particulares, eu levo meu filho à Instituição A pois é lá que decorrem as sessões de fisioterapia e hidroterapia. Mas nós temos que nos deslocar até ao local da Instituição todas as segundas e terças-feiras temos que nos deslocar”, referindo-se às atividades dirigidas com determinados objetivos, assim como as terapias.

Caso 2: E2

E2 tem 45 anos, licenciou-se em Educação Física e mais tarde especializou-se em Educação Especial nas valências dos grupos 910, 920 e 930, tem 20 anos de carreira e atualmente trabalha como professor do 1º ciclo em uma escola pública.

1 Experiências e práticas profissionais com alunos com NEE em contexto escolar

1.1 Formação motivação e competências

E2 tem como formação inicial a Licenciatura em Educação Física e já trabalha na educação especial há 6 anos. Ele diz que: “tenho as 3 especializações, tirei primeiro a 920, logo depois tirei aqui na Universidade do Minho a 910 no ano a seguir, e passados uns 4 anos tive a curiosidade e tirei a 930 que era voltada para cegos, embora eu nunca tenha trabalhado com cegos, mas tive curiosidades e pronto! Resolvi tirar”. O entrevistado demonstrou-se sempre muito interessado pela educação especial e pelas formações, em busca de melhorar o seu trabalho e desempenho.

1.2 Experiência e resultados

E2 relata ter muita experiência com os alunos com NEE. O entrevistado é professor da educação especial pelo grupo de recrutamento 920 desde 2017, e atualmente trabalha como professor do primeiro ciclo para alunos surdos, conduzindo suas aulas em Língua Gestual para o grupo. O professor ainda aponta que nunca trabalhou com a intervenção precoce.

2 Vantagens e desvantagens na oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

a. Opinião sobre as vantagens e desvantagens

No que diz respeito às vantagens e desvantagens a resposta do entrevistado foi de grande admiração, pois ele percebeu que o foco e os resultados devem ser voltados para o desenvolvimento do aluno: “Olha eu acho que é muito importante (...) quando eu estava a tirar a especialização para o 910, em uma das unidades nós tivemos um trabalho, um estudo com uma equipa de basquetebol de cadeiras de rodas (...) com as crianças funciona da mesma forma, e claro que eles adoram o desporto”.

E2 via muito mais vantagens nestas práticas ao dizer que: “(...) eu acho importante sobre dois aspetos: físico, normalmente as pessoas com deficiências, tem uma condição física mais debilitada e o psicológico, porque promove autoestima, melhor aceite quando são admirados por alguma coisa (...) mesmo com a deficiência eles gostam muito de desporto, é uma forma de eles se firmarem também, porque eles normalmente se sentem mais isolados “olha vai buscar as bolas” (...) eles acabam por serem deixados de lado, e isso cabe muito ao professor a sensibilidade de conseguir integrar o aluno”.

Uma desvantagem citada por E2 seria o fato de que muitas vezes nas atividades desportivas ou de lazer os alunos com NEE são deixados de lado, o que os fazem se sentir menosprezados ou afastados dos grupos.

b. Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas.

E2 conclui seu pensamento, ao apontar a importância destas atividades e do olhar pedagógico que os professores devem ter em suas escolas, ao dizer que acha muito importante estas atividades

para os alunos com NEE como fonte que desenvolve a socialização, participação e inclusão. O entrevistado diz que segundo alguns estudos que já fez durante sua carreira “os miúdos também precisam ter o brincar livremente, sem estar a orientá-los, dando mais autonomia para se expressarem e aprenderem com os próprios erros, se não estamos a “desportivisar” os miúdos”.

3 Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres para alunos com NEE em contexto escolar

a. Tipos de atividades oferecidas para alunos com NEE em contexto escolar

Durante a entrevista, E2 foi questionado se a escola em que leciona, oferece ou não algum tipo de atividade de lazer, desporto e recreação, que incluíssem os alunos com NEE. Ele respondeu que não oferecem nada além dos recreios, os prolongamentos escolares e as atividades extracurriculares, e que pensa serem oferecidas a todos os alunos.

E2 também mostra seu ponto de vista em relação às atividades oferecidas pela sua escola, que seriam o CATL e as AEC para os alunos com NEE que viessem a precisar: “em época de férias eu não sei como é que funciona muito bem, eu acho que eles têm o CATL, mas normalmente há algumas colônias de férias que são espaços de 15 dias e têm algumas atividades, mas depende muito do grupo de professores que estão a dinamizar isto. Às vezes passa a ser uma responsabilidade das juntas de freguesia com a câmara, em oferecer alguma alternativa”.

b. Reconhecimento do uso do CATL para alunos com NEE

Referindo-se ao prolongamento escolar do CATL, E2 também foi muito objetivo e disse que sua escola oferece os serviços, mas que “em questão dos CATL, o próprio conceito de CATL daqui funciona assim por exemplo, as aulas acabam às 17h30 e o prolongamento nada mais é do que estarem os meninos guardados, até os pais virem buscá-los (...)”.

Em relação à importância do uso do CATL para os alunos num contexto geral, E2 diz que o prolongamento é muitas vezes visto apenas como um passatempo, “(...) sim é isso, muitas pessoas veem isso apenas como um “passatempo”, o que não deveria ser, mas é apenas o entreter as crianças, normalmente é isso que está instituído, depende de quem organiza o ATL, mas as pessoas

têm a ideia de que é apenas um sítio onde tem alguns “joguinhos” e que os meninos estão apenas à espera dos pais chegarem. Há quem defenda também que como o aluno já tem tanta atividade orientada durante o dia, que o ATL é um bocadinho para eles se soltarem, claro que as crianças com deficiência têm um bocadinho de dificuldade, pois eles não são autónomos, não têm aquela autonomia que uma criança “normal”, portanto eles precisam de ajuda, precisam ser orientados a não se orientarem (...).”

E conclui dizendo que, “Nenhum dos meus alunos frequentam, nem têm atividades extracurriculares (...) como temos alunos que moram fora da cidade, a escola contrata táxis, e os miúdos ao fim do dia eles nem precisam do ATL, pelas 17h30 eles saem com o táxi, e nós temos lá miúdos que acordam muito cedo e que fazem quase uma hora de viagem, aquela escola abrange aquela área de influência e vai buscá-los, por isso não, eles não têm essa necessidade de estarem a espera que os pais os venham buscar”.

c. Opinião sobre as aptidões dos professores e da escola para receberem alunos com NEE no CATL

A respeito do preparo da escola e dos professores/profissionais para receber os alunos com NEE no CATL, o entrevistado diz que “depende muito dos graus de dificuldades, um com Paralisia Cerebral por exemplo não conseguiria fazer o que quisesse, sozinho, nós temos muitos problemas na falta de formação das pessoas, normalmente em CATL, são as auxiliares a cuidar, elas não têm formação e acabam ficando com a responsabilidade (...)”.

E2 aponta que um dos problemas de se incluir alunos da educação especial nas atividades de prolongamento ou extracurriculares seria a “heterogeneidade, no mesmo grupo podemos ter várias dificuldades diferentes, encontrar uma atividade que seja transversal a todos (...). No caso do CATL eu diria que o problema que se levanta é esse, depende muito do grupo, se for um grupo homogêneo como são os surdos, acho que seria fácil, mas agora se apanharmos pessoas com diferentes patologias, complicaria mais”.

E2 conclui sua fala sobre as competências das instituições, ao dizer que a escola em que trabalha, tem o básico que assegure os direitos destes alunos, mas que ainda precisa melhorar em vários aspectos uma vez que também o preparo dos profissionais no geral, depende da vontade de cada um, de corresponder às necessidades dos seus alunos.

4 Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

a. Solicitação dos encarregados de educação

Relativamente à solicitação dos pais sobre estas atividades E2 diz: “Não, os pais pelo menos daquilo que eu vejo, eles entregam tudo nas mãos da escola, normalmente esses pais são pouco participativos, tirando um ou outro caso, normalmente eles entregam, e a escola faz o que achar melhor, eles não têm essa preocupação de saber”.

b. Outros espaços e contextos

E quanto à oferta das atividades de lazer, recreação de desporto fora do contexto escolar o entrevistado responde que não conhece nenhum outro sítio que ofereça, ele pensa que talvez “o clube desportivo C ofereça alguma coisa, pois eles têm uma secção de desporto adaptado, mas que está mais voltada para o desporto como competição, o problema é que não pensam nas crianças nesta questão do entretenimento (...)”. E que muitos veem “as terapias como entretenimento, mas não é, é um trabalho, mas é o que eu te digo, isto é muito a visão do que se tem aqui, fazer com que aquela criança desenvolva algo, a todo o momento, eu não condeno, acho que faz algum sentido, porém acho que aqui na região, não temos estruturas para acolher estas crianças, numa perspectiva de lazer ou CATL, o que há está muito virado para o desporto adaptado”.

Caso 3: E3

E3 tem 44 anos, é professora do 1º ciclo, sua formação inicial foi em Ensino Básico e algum tempo depois fez sua especialização em educação especial pelo grupo 910. Atualmente trabalha na educação especial, já tem 11 anos de carreira e está tirando outro mestrado também em NEE.

1. Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar

1.1 Formação motivação e competências

A entrevistada E3 é professora do primeiro ciclo em uma escola de educação especial, portanto responde de maneira positiva a respeito de sua experiência com os alunos com necessidades educativas especiais

Como já citado em sua apresentação, E3 tem a formação como docente primária e o mestrado em necessidades educativas especiais pelo grupo 910. A entrevistada refere que sempre teve muito interesse por essa área da docência e por isso decidiu investir mais a fundo para ajudar e ensinar estes alunos.

1.2 Experiências e resultados

A respeito de sua experiência com alunos com NEE, por se tratar de uma professora da educação especial, E3 traz consigo grandes vivências com estes alunos, e está, atualmente se especializando em mais um mestrado nesta vertente.

2. Vantagens e desvantagens na oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

2.1 Opinião sobre as vantagens e desvantagens

Na perspectiva da entrevistada, existem alguns apontamentos que podem ser feitos a respeito das vantagens e desvantagens nas ofertas das atividades de lazer, desporto e recreação para os alunos com NEE. E3 diz: “Acho muito importante o uso destas atividades sempre respeitando as particularidades de cada aluno e cada necessidade, porque às vezes vemos que são implementadas práticas que são pensadas mais na escola do que no aluno em si (...), se nós pensarmos no grupo em questão e suas especificidades, as vantagens seriam: cognitivas, sociais de interação com outras crianças e de rotina também”.

2.2 Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas

Ao ser levantada a questão se a entrevistada achava que os alunos com NEE poderiam desenvolver competência no uso destas atividades, ou se não passavam de entretenimento para os alunos, E3 cita a forma como estas atividades refletem sobre os seus alunos em uma escola especializada na educação especial: “(...) sim podem, onde trabalho cada aluno tem seu quadro de horários em atividades de psicomotricidade, equitação e natação adaptada, então podemos contar como atividades fora do contexto escolar, e que ajudam sim no desenvolvimento, não são apenas para passar o tempo”.

E3 ainda enfatiza que estas atividades, quando bem planejadas e trabalhadas em equipe dão resultados notórios aos alunos com NEE, e finaliza fazendo um apontamento sobre a interação e a inclusão que deve existir entre os alunos: “(...) além disso penso que se forem trabalhadas estas atividades de forma conjunta com todos os alunos é um caminho positivo para a inclusão, não só nestas atividades, mas também no dia-a-dia das crianças com NEE, porque a inclusão deve ser algo diário (...) acho que todos os alunos com ou sem NEE devem ter atividades como estas, de convívio ou mais livres, e não só na escola como em outros espaços, até na vizinhança eles podem interagir”.

3. Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar

3.1 Tipos de atividades oferecidas para alunos com NEE em contexto escolar

A respeito das práticas oferecidas pela escola em que trabalha, por se tratar de uma instituição voltada para alunos com NEE, E3 aponta: “Temos psicomotricidade, equitação, natação adaptada e incentivos a atividades desportivas também como por exemplo o futebol”.

3.2 Reconhecimento do uso do CATL para alunos com NEE

De acordo com E3 sua escola não oferece propriamente o CATL, mas “por ser uma instituição de educação especial temos todas as atividades e horários voltados aos alunos e suas necessidades então posso dizer que não tenha o CATL em si”.

3.3 Opinião sobre as aptidões dos professores e da escola para receberem alunos com NEE no CATL

Assim como E3 disse anteriormente, sua escola não oferece o CATL como vertente de prolongamento escolar e espaço gerador de atividades desportivas ou recreativas, mas a entrevistada diz que em questão ao preparo dos professores e da escola em si para receber estes alunos, assertivamente ela diz: “sim claro estamos muito preparados, somos uma instituição de educação especial”.

4. Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

4.1 Solicitação dos encarregados de educação

E3 diz que sente que os pais têm muita confiança na instituição e que eles não ficam questionando a escola sobre a falta ou o mal-uso dos espaços e momentos, “muito pelo contrário em relação aos pais só temos elogios, mas acredito que por sermos uma instituição voltada para as necessidades dos seus filhos”.

4.2 Outros espaços e contextos

Para finalizar, a respeito do seu conhecimento sobre outros espaços e contextos que oferecem estas atividades, E3 afirmou que: “eu já vi projetos oferecidos pelas entidades municipais, em sítios de informática também sempre têm ações para este fim”.

Caso 4: E4

E4 tem 51 anos, inicialmente fez sua Licenciatura em Educação de Infância, tempos depois tirou o curso de Mestrado em Sociologia da Infância e mais uma Especialização em Intervenção Precoce. Atualmente trabalha como educadora, e já tem 27 anos de carreira profissional.

1. Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar

1.1 Formação motivação e competências

E4 é professora do ensino básico e diz ter se especializado posteriormente à sua formação inicial, “em Intervenção Precoce, posso concorrer ao grupo de recrutamento 910”.

1.2 Experiência e resultados

Quando questionada se tinha tido experiências na educação especial, a professora diz que “sim. Ao longo da minha carreira profissional fui trabalhando com crianças que apresentavam NEE. Atualmente, tenho na sala, duas crianças com NEE”.

2. Vantagens e desvantagens da oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

2.1 Opinião sobre as vantagens e desvantagens

Sua opinião em relação às vantagens e desvantagens na oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE, foi que: “este tipo de atividades tem muitas vantagens. Para além de melhorar a condição cardiovascular das crianças e jovens, melhora a agilidade, a coordenação motora e, ao mesmo tempo proporciona oportunidades únicas de socialização, autonomia e independência. Desvantagens são que nem todos os docentes ou auxiliares estão sensibilizados para estas questões, nem possuem formação específica para mobilizarem atividades, equipamentos e adaptá-los às necessidades efetivas das crianças com NEE”.

2.2 Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas

E4 diz que seu ponto de vista sobre o uso destas atividades perante o desenvolvimento e inclusão dos alunos com NEE, dentro ou fora do contexto escolar, é de que eles podem ser utilizados para aprimorar as habilidades motoras, cognitivas, sociais e relacionais. Quanto maiores forem estes estímulos, menores serão os prejuízos futuros no aluno com NEE como cidadão.

A entrevistada ainda opina: “Na minha opinião o convívio entre todas as crianças deveria ser um dos objetivos primordiais. Através do convívio entre crianças típicas e atípicas é uma mais-valia enquanto cidadão. Aprendem a respeitar a diferença. Penso que as atividades de lazer devem ser para todos, claro que adaptadas às especificidades das crianças com NEE, moderadas e severas”.

3 Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar

3.1 Tipos de atividades oferecidas para alunos com NEE em contexto escolar

Ao dar sequência à entrevista, E4 foi questionada, sobre os tipos de atividades de lazer, desporto e recreação, que sua escola de trabalho oferecia para alunos com ou sem NEE. A entrevistada disse que sua instituição não possui especificamente nenhuma destas práticas para os alunos com NEE, cabe a cada professora adaptar suas atividades. Ela cita a educação física como exemplo ao buscar alternativas de dinamizar para encontrar formas de incluir todos os seus alunos.

E4 diz que consta em sua planificação semanal, algumas atividades de yoga, educação física, jogos de coordenação motora, jogos tradicionais, mas todos estes são adaptados, como no seu caso, que tem um aluno com atraso global do desenvolvimento em sala e nota alguns retornos positivos em seu comportamento por meio destas atividades.

Ela aponta que a escola tem as atividades extracurriculares como: expressão musical, expressão motora, expressão dramática, dança, inglês e também o CATL.

3.2 Reconhecimento do uso do CATL para alunos com NEE

E4 como já havia dito, reforçou que sua escola oferece as atividades de tempos livres, mas que são “(...) apenas para algumas crianças, porém ditas “normais” que frequentam a escola em frente do 1º e 2º ciclo. Somente de Julho de 2022 a outubro de 2022 acolhemos, ao abrigo do programa B, promovido pela entidade X, 4 crianças com NEE, com idades entre os 7 anos e 12 anos no CATL”.

Ao ser questionada sobre sua opinião a respeito da inclusão de crianças com NEE no prolongamento, sua resposta foi: “Acho que todas as crianças deveriam estar incluídas nos CATL. Porque, da mesma forma que a escola deveria ser de todos e para todos, os CATL deveriam estar

incluídos neste processo. Apenas temos uma criança com necessidades mais específicas a frequentar o CATL. É uma criança com NEE ligeira, usufrui de medidas universais na escola”.

E4 diz que consegue ver pontos positivos no prolongamento uma vez que a criança pode ter o convívio e o livre arbítrio de estar e participar dos momentos que quiser mesmo que sua resposta a isso seja um mínimo movimento, que esboce uma reação positiva de acordo com o grau da sua dificuldade.

3.3 Opinião sobre as aptidões dos professores e da escola para receberem alunos com NEE no CATL

Ao responder sobre as aptidões de sua instituição e dos professores para receberem os alunos com NEE nas atividades do CATL, E4 englobou todo o contexto em que sua escola vive e disse que não estão preparados, principalmente em níveis financeiros: “Não. A instituição não possui verbas monetárias para contratar técnicos especializados, auxiliares de apoio, ou equipamento para trabalhar com crianças que apresentem NEE (severas)”.

Por meio desta fala consegue-se perceber que a falta de pessoas capacitadas para esse trabalho é grande, e que os tipos e graus de dificuldades dos alunos interferem muito na receptividade das escolas.

4 Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

c. Solicitação dos encarregados de educação

E4 comenta que em relação à solicitação dos pais a respeito destas práticas abrangerem a educação especial, a entrevistada aponta que “(...) na reunião do início do ano é apresentado, nas diversas valências, o plano de atividades e, o mesmo, é aprovado por unanimidade. Nunca se falou da inclusão, especificamente, nunca tivemos problemas com esta questão. Sempre fomos uma instituição aberta à inclusão, no entanto tenho a noção que a mesma não possui verbas para contratar técnicos especializados ou pessoal auxiliar, para acolhermos crianças com deficiências mais severas”.

d. Outros espaços e contextos

Por fim, em relação aos seus conhecimentos sobre espaços e contextos que oferecem estas atividades para os alunos com NEE, E4 finaliza dizendo que não conhece nenhum lugar específico que também ofereça estas práticas.

Caso 5: E5

E5 tem 40 anos e é professora do primeiro ciclo, com formação em Ensino Básico, trabalha há 14 anos na docência e diz se sentir muito feliz com sua escolha profissional.

1 Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar

1.1 Formação motivação e competências

E5 é professora do ensino básico e atualmente trabalha em uma escola do ensino regular e diz não possuir formação continuada, mas, já trabalha na docência há 14 anos.

1.2 Experiência e resultados

Ao ser questionada se já havia tido experiência com a educação especial, a entrevistada diz: “(...) já tivemos alunos com NEE na escola, porém eu nunca trabalhei diretamente com eles, já estive apenas em momentos específicos auxiliando alguma colega de trabalho com estes alunos”.

2 Vantagens e desvantagens da oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

a. Opinião sobre as vantagens e desvantagens

Relativamente sobre as vantagens e desvantagens da oferta destas atividades para alunos com NEE, na perspectiva da entrevistada, E5 diz: “Eu vejo como algo muito importante para o desenvolvimento físico e social destas crianças, percebo que eles se sentem parte do grupo e uma

vantagem seria esta convivência. Já a desvantagem é que ao meu ver nem sempre eles terão alguém com formação que possa acompanhá-los dependendo do seu grau de dificuldade”.

b. Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas

Ao dar sua opinião sobre o uso destas atividades para os alunos com NEE e se consegue ver benefícios no desenvolvimento e inclusão, E5 respondeu que: “Sim com certeza, só pelo fato de estarem a interagir com outras crianças e sentirem-se parte das atividades e do grupo, isso já causa um grande impacto no desenvolvimento físico e psíquico deles. Não acho que sejam apenas momentos de entretenimento pois, até nos tempos livres ou nas brincadeiras, aprende-se algo, ao depender da perspectiva e da intenção que é colocada nestas atividades”.

E5 ainda enfatiza que no desenvolvimento das capacidades através de atividades lúdicas e de convívio, é possível estimular a imaginação, “(...) e quando trabalhadas da forma correta de acordo com a necessidade de cada um, pode-se desenvolver outros sentidos, como a visão, os movimentos, a fala e muitos outros”.

3 Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar

a. Tipos de atividades oferecidas para alunos com NEE em contexto escolar

Ao ser questionada sobre os tipos de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres que eram oferecidas em sua escola, para alunos com NEE, E5 responde que: “Nós temos as atividades de desporto para os meninos, mas que nem sempre são adaptadas exclusivamente para os alunos com NEE, os professores geralmente adaptam eles próprios suas aulas para que estes alunos possam participar. Em minha instituição temos apenas as AEC e o CATL (...) as AEC (atividades de enriquecimento curricular) durante a semana, e que são divididas entre os grupos, e as AEC para as crianças do CATL, que são os apoios ao estudo, ao final da tarde”.

b. Reconhecimento do uso do CATL para alunos com NEE

A entrevistada conta, que a escola em que trabalha oferece o CATL, mas que não é uma vertente tão preparada para alunos com NEE e que até aquele momento não tinha nenhum aluno com necessidades especiais frequentando o prolongamento.

Já, sobre o seu reconhecimento do uso dos tempos livres para estes alunos, E5 dá sua opinião: “Bom eu acho importante para todas as crianças frequentarem o CATL ainda mais na perspectiva de ser um lugar seguro que passa maior tranquilidade para os pais. Como havia dito poucas crianças estão a frequentar o CATL na minha instituição e são meninos da escola ao lado”.

c. Opinião sobre as aptidões dos professores e da escola para receberem alunos com NEE no CATL

Segundo E5, sua escola não está preparada para receber os alunos com NEE uma vez que este público é minoria em sua instituição. Ao ser questionada sobre o preparo do local para o amparo destes alunos, E5 diz: “Acho que ainda não, pelo fato de não termos alunos com NEE a frequentar, mas, acredito que se houvesse a necessidade iríamos atrás de informações para darmos suporte para eles”.

4 Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

a. Solicitação dos encarregados de educação

E5 afirmou que em relação à solicitação dos encarregados da educação sobre estas atividades “Nunca fomos questionados especificamente sobre os alunos da NEE, mas já tivemos um projeto com estes meninos e vimos a importância da inclusão para eles e suas famílias”.

b. Outros espaços e contextos

E5 finaliza dizendo que acha que deveriam sim haver outros espaços e outros contextos como até mesmo os centros culturais que abrangessem não só alunos com NEE, mas todos os indivíduos

com dificuldades ou não, para que tivessem momentos de distração e convívio. A entrevistada diz não conhecer nenhum lugar específico para isso, mas diz que gostaria que nos teatros e cinemas por exemplo, houvesse mais acessibilidades.

Caso 6: E6

E6 tem 45 anos, tem como formação base a Licenciatura em Educação de Infância, e atualmente trabalha como educadora em um centro escolar. Já atua na área há 23 anos, e diz que está em uma fase muito boa de sua profissão ao ter passado recentemente em um concurso público.

1 Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar

1.1 Formação motivação e competências

Ao dar início à entrevista, E6 diz que ao longo de sua carreira teve a oportunidade de trabalhar com diversos tipos de crianças e que pôde viver a educação em diversas áreas. Ela optou por manter-se somente com a sua licenciatura e disse também que: “(...) tenho apenas algumas formações que fui fazendo no decorrer da minha carreira, que é sempre uma mais-valia para poder trabalhar com alunos, com NEE”.

1.2 Experiência e resultados

Ao ser questionada sobre sua experiência na docência de alunos com necessidades educativas especiais, sua resposta foi: “Sim já tive. Ao longo da minha carreira profissional fui trabalhando com crianças que apresentavam NEE. Atualmente, não tenho nenhuma”.

2 Vantagens e desvantagens da oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

a. Opinião sobre as vantagens e desvantagens

Um dos questionamentos feitos à entrevistada, foi sobre vantagens e desvantagens que ela via na oferta destas atividades, em resposta a E6 pontuou: “Como só recentemente ingressei no ensino

público ainda não tenho total conhecimento das práticas. Contudo, penso que este tipo de atividades tem muitas vantagens. Para além de melhorar a condição cardiovascular das crianças e jovens, melhora a agilidade, a coordenação motora e, ao mesmo tempo proporciona oportunidades únicas de socialização, autonomia e independência. Desvantagem é que nem todos os docentes ou auxiliares estão sensibilizados para estas questões, nem possuem formação específica para mobilizarem atividades, equipamentos e adaptá-los às necessidades efetivas das crianças com NEE”.

b. Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas

Na compreensão de E6, a entrevistada pôde dar sua opinião, se via ou não as atividades descritas na pesquisa, apenas como entretenimento, ou como práticas que poderiam desenvolver as competências dos alunos com NEE, tendo como resposta: “Sim, quanto mais estimuladas forem as habilidades motoras, cognitivas, sociais e relacionais, menores serão os prejuízos futuros no seu desenvolvimento enquanto pessoas e cidadãos”.

E ao dizer se achava que as crianças com NEE, poderiam desenvolver algumas capacidades através das atividades lúdicas e de convívio sendo consideradas como facilitadores para a inclusão, a professora opinou da seguinte forma: “Ao meu ver, o convívio entre todas as crianças deveria ser o principal objetivo, é através do convívio que as crianças aprendem a respeitar as diferenças. Penso que as atividades de lazer devem ser para todos, claro que adaptadas às especificidades das crianças com NEE tanto moderadas quanto severas”.

3 Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar

a. Tipos de atividades oferecidas para alunos com NEE em contexto escolar

A respeito dos tipos de atividades oferecidas por sua escola, E6 por ser nova na função pública, relembrou das atividades oferecidas em sua antiga instituição de trabalho, e pontuou o cenário atual em que está inserida: “A instituição onde trabalhei tinha 4 atividades extracurriculares para as crianças do jardim de infância, que são elas: música, expressão dramática, dança e inglês. Na atual instituição sei que temos as expressões musical e motora, a AAAF (Atividade de Animação e Apoio à Família) e o CATL (...), também já tive conhecimento de que temos um menino autista na instituição que frequenta

a AAAF. Consta na planificação semanal a atividade de educação física, dança, jogos de coordenação motora e jogos tradicionais. Nós, por norma, se for necessário devemos adaptar alguns exercícios e atividades mais específicas, para os alunos que apresentem algum tipo de NEE”.

b. Reconhecimento do uso do CATL para alunos com NEE

Relativamente à oferta do prolongamento CATL, E6 diz que “(...) atualmente a escola em que trabalho oferece as AAAF que têm o menino autista a frequentar, e também oferece o CATL (...), mas penso que esta alternativa não está 100% adaptada para os alunos com NEE”.

E sobre a importância de os alunos com NEE frequentarem o prolongamento, e suas opiniões, E6 diz: “Acho que todas as crianças deveriam estar incluídas nos CATL. Porque, da mesma forma que a escola deveria ser de todos e para todos os CATL deveriam estar incluídos neste processo, sei que na escola onde trabalho também tem o 1º ciclo e o CATL, mas penso que não andam meninos com NEE por lá”.

c. Opinião sobre as aptidões dos professores e da escola para receberem alunos com NEE no CATL

Sobre as aptidões da escola e dos professores para receberem os alunos com NEE no CATL, E6 coloca o seu ponto de vista ao dizer que a instituição não está preparada, por falta de apoio monetário, falta de preparo de pessoas especializadas e falta de equipamentos técnicos, uma vez que o grau de necessidade do aluno venha a ser um medidor neste processo também.

4 Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

a. Solicitação dos encarregados de educação

No que se refere à busca dos pais por estas atividades ou os questionamentos deles nas intuições, E6 diz: “(...) nunca se falou da inclusão especificamente, nunca tivemos problemas com esta questão. Sempre foi uma instituição aberta à inclusão, no entanto tenho a noção que a mesma não

possui verbas para contratar técnicos especializados ou pessoal auxiliar, para acolhermos crianças com deficiência mais severa”.

b. Outros espaços e contextos

Para finalizar a entrevista E6 aponta se conhece ou não outros sítios que oferecem os tipos de atividades discutidas na pesquisa e qual sua opinião: “Não conheço nenhum sítio específico. Acho que todas as associações ou clubes, sobretudo, aqueles que têm lucro, deveriam apostar mais nestas atividades de lazer, desporto e recreação. Certamente contribuiriam para uma sociedade mais solidária e mais humana”.

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Este capítulo fornecerá uma discussão dos resultados obtidos na coleta de dados, a partir do questionário que foi aplicado. A análise e interpretação destes dados terão por base a seção do referencial teórico deste estudo que buscou responder ao objetivo de caracterizar quais são as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, que incluem e beneficiam alunos com NEE, a níveis do desenvolvimento escolar e social nos agrupamentos de escolas na Região Norte de Portugal.

Originando-se da abordagem qualitativa optada para este estudo, em conjunto com a entrevista semiestruturada como principal instrumento de recolha de dados, foi possível elaborar o cruzamento das respostas dos entrevistados, com base nas análises de conteúdo de Bardin (2010). Foram esmiuçadas as categorias e subcategorias elaboradas ante as entrevistas, para uma melhor compreensão desta temática.

Sendo assim, este capítulo é dedicado a discutir, analisar os dados, e obter o cruzamento das repostas dos seis participantes. Serão destacados aspectos pertinentes, opiniões convergentes e as diferenças mais significativas entre as visões partilhadas em paralelo com a revisão da literatura.

4.1 Experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar

Ao dar início à análise, a primeira categoria foi pensada, como forma de contextualizar a formação académica e as experiências profissionais, vividas pelos professores entrevistados, que exercem funções no Ensino Básico e na educação especial nos agrupamentos de escolas. Relativamente às aptidões docentes que abrangessem os alunos com NEE, surgiu a categoria “experiências e práticas com alunos com NEE em contexto escolar”, seguindo-se pelas subcategorias: “formação motivação e competências” e “experiências e resultados”.

4.1.1 Formação motivação e competências

Ao observar as respostas obtidas, sobre as respectivas formações académicas dos professores participantes, observou-se uma diversidade de áreas do ensino, tais como: professor de

Português/Francês com especialização em Educação Especial, professor de Educação Física com especialização em Educação Especial. Ainda, professor do Ensino Básico com mestrado em Educação Especial Educador de Infância e professor do 1º ciclo com mestrado em Sociologia da Infância e uma especialização em Intervenção Precoce, na Educação Especial. E, por fim, licenciaturas em Ensino Básico.

De modo geral ao analisar as respostas dos professores sobre formações acadêmicas e formações continuadas, é possível examinar que os profissionais recorrem às mesmas consoantes. Dentre elas a necessidade dos grupos de alunos que foram trabalhando ao longo dos anos, em detrimento de solicitação das instituições, uma vez que lhes fosse exigido, ou com base na ambição profissional de cada um, em busca de crescimento na carreira e de recursos para oferecer um melhor trabalho às entidades.

Assim como aponta Campos (2016, citado por Ferreira e Toman, 2020), a educação continuada de professores e profissionais que trabalham em escolas e espaços educativos, ainda é um problema atual, o que reflete no cotidiano escolar através de lacunas no tratamento destes alunos. Porém a autora enfatiza, que a formação continuada e as especializações nos variados campos do ensino, seguem sendo a melhor alternativa para atender alunos com necessidades educativas especiais e as demandas no trabalho pedagógico cotidiano.

É de se destacar certa discrepância entre alguns dos entrevistados, ao notar que os níveis de formação, eram optados de acordo com valores e ambições profissionais de cada um. Como por exemplo, um professor que se especializou em todos os grupos de recrutamento da educação especial, e outras duas professoras que tinham apenas a licenciatura em Ensino Básico e pouco contato com alunos com NEE.

4.1.2 Experiências e resultados

No intuito de perceber quais eram as experiências docentes destes professores, com alunos com NEE em suas respectivas escolas, foi possível notar uma variedade nas respostas, uma vez que o grupo esteve equilibrado maioritariamente. Duas entrevistadas relataram terem tido pouco contato com estes alunos e apenas em contexto integrado, em que eles estavam inseridos nos grupos, e também ao apoiarem as colegas de trabalho, que tinham estes alunos em sala de aula.

Entretanto, sob a ótica de outros três entrevistados, que são professores da educação especial a tempo inteiro e já lecionam nesta área há alguns anos, eles disseram já terem trabalhado, com grupos inteiros de alunos com NEE, elaborado planos de atividades e aulas adaptadas diretamente para estes grupos. Segundo eles este tipo de ensino direcionado seria o mais assertivo uma vez que eram conduzidas aulas com linguagem apropriada, espaço adaptado e horários específicos. Por fim, tivemos uma última entrevistada com uma pós-graduação em educação especial, que relatou já ter tido algumas experiências ao longo de sua carreira e que atualmente teria duas crianças com NEE em contexto de sala.

Embora existam saídas para este modelo de ensino, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a educação especial esteja em equivalência dentro do ensino regular. É preciso que haja uma mudança de atitude, dos professores e colaboradores, ao demonstrarem interesse de forma ativa em melhorar suas funções no contexto escolar. É preciso também estar aberto a mudanças de currículo, de estratégias e métodos de trabalho, na busca de corresponder à necessidade destes alunos. O contato dos professores com um grupo variado, o desafia a buscar alternativas e mudar determinadas atitudes em relação à sua formação, ao seu preparo e o impulsionar na busca por mudanças que incluam de maneira efetiva os alunos com NEE (Carvalho, 2011).

Destaca-se que todos os participantes concordaram com a importância do contato e do trabalho com alunos com NEE, mas em sua maioria os entrevistados enfatizaram que são prioritariamente a favor de um trabalho mais específico com profissionais dispostos a se qualificarem. Eles disseram observar muito mais resultados na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos com NEE, que estão inseridos em instituições de educação especial, especializadas nesta vertente. Mas percebem que face às diferentes realidades em que estes alunos vivem, as escolas dos agrupamentos, devem minimamente melhorar o trabalho que já vem sendo feito neste âmbito.

4.2 Vantagens e desvantagens na oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

A segunda categoria de análise, nomeada como “vantagens e desvantagens na oferta das atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE”, buscou discutir a perspectiva dos entrevistados, sobre as vantagens e desvantagens que viam no uso e na implementação destas práticas, como forma de desenvolvimento e inserção em contexto escolar. A seção sequenciou-se pelas

subcategorias: “opinião sobre as vantagens e desvantagens” e “ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas”, que serão analisadas a seguir.

4.2.1 Opinião sobre as vantagens e desvantagens

Em todas as entrevistas, foi possível notar certa homogeneidade nas respostas, todos os entrevistados conseguiram ver muitas vantagens, no uso das atividades de lazer, desporto e recreação para os alunos com NEE. Em muitas falas, foram citados alguns pontos positivos que são refletidos no comportamento das crianças, por meio destas práticas, como: a convivência, o desenvolvimento em aspectos físicos e psicológicos, a promoção de autoestima, autonomia, aceitação e, principalmente a socialização. A maior parte dos entrevistados enfatizaram o desporto como forma primária, que reflete estas vantagens, pois, os alunos com NEE podem se sentir admirados por realizarem uma tarefa importante dentro dos jogos.

Já em contrapartida, é possível notar algumas desvantagens, assim como diz um dos entrevistados, ao apontar que estes alunos de certa forma, podem se sentir excluídos das brincadeiras por suas limitações, podendo ficar isolados dos pares. O professor ressalta de forma precisa, que nestes casos cabe aos docentes e técnicos que estejam nestes momentos, intervirem de forma ativa, trazendo o aluno para dentro do plano de ação. Mesmo que as atividades recreativas e lúdicas sejam muito livres, é importante a presença do mediador, para incentivar a interação de todos.

Assim como aponta Silveira (2012), as atividades lúdicas têm inúmeros benefícios no desenvolvimento das crianças com NEE. Tanto os jogos simbólicos, como os jogos de regras, podem oferecer diferentes estímulos, que contribuem em níveis sociais e individuais, para além do aprender. A autora enfatiza que o brincar não serve apenas para entreter a criança, é muito comum observar alunos com NEE sendo colocados à parte, com algum tipo de objeto que o mantenha “ocupado” e assim não demande atenção e intervenção.

Quando uma criança brinca de maneira ativa, individualmente ou em grupo, em atividades calmas ou agitadas, com ou sem barulhos, mas que estejam sendo estimuladas de alguma forma, ela estará se relacionando com o mundo e consigo mesma. Esta pode ser uma forma de se expressar sem que haja a verbalização, mas sim com sua ação. Nestes momentos é necessária a sensibilidade dos

professores ou mediadores, de perceber e respeitar as vontades e limitações desta criança que também terá a liberdade de optar por apenas não fazer nada (Silveira, 2012).

4.2.3 Ponto de vista sobre o desenvolvimento e a inclusão de alunos com NEE nestas práticas

Em todas as entrevistas vimos que os professores percebem que para um bom desenvolvimento do ser humano, é preciso que haja momentos livres ou de descanso, para o aprimoramento das funções básicas. Muitos docentes têm a visão de que as atividades de lazer, desporto e recreação para crianças com NEE, são apenas formas de entretenimento, principalmente em momentos não orientados. Mas a pesquisa buscou contestar estas práticas como meios de adaptação e contribuição para a modificação dos diversos espaços e disciplinas escolares, em que estes alunos estejam inseridos. Assim como aponta Correia (2018), é preciso modificar o sentido de inclusão como forma de igualitarismo e começar a tratá-la como parte da educação especial, que tem como objetivo reduzir os problemas destes alunos.

Ao pontuarem o fator inclusão, também se constatou em conjunto com a literatura, que a propagação moderna do termo, traz um igualitarismo que não influencia os alunos com NEE e sim as instituições de ensino, que oferecem o mínimo exigido para estes. Os professores entrevistados percebem, que o convívio com os pares, não os categorizam e sim os normalizam ao terem suas diferenças respeitadas. É preciso olhar a igualdade de oportunidades por outra perspectiva, uma vez que as crianças podem apresentar necessidades significativas que precisam ser supridas, sendo a inclusão fator inquestionável, uma vez que se deve trabalhar a individualidade de cada aluno (Correia, 2018).

Com base na resposta de uma das professoras participantes, ao ser questionada sobre a melhora das capacidades dos alunos com NEE em contexto lúdico e de convívio, ela diz que estes momentos quando bem explorados, podem estimular a imaginação e desenvolver outros sentidos nestas crianças. É possível notar os gostos pessoais quando é dada a eles a liberdade de escolha do que fazer.

4.3 Caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar

Com o propósito de identificar e perceber quais eram as ofertas, os tipos e o uso das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para os alunos com NEE, surgiu a terceira categoria nomeada como “caracterização das atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, para alunos com NEE em contexto escolar”. Esta categoria foi desenvolvida com base nas seguintes subcategorias: “tipos de atividades oferecidas em contexto escolar”; “reconhecimento do uso do CATL para alunos com NEE” e “opinião sobre as aptidões dos professores e das escolas para receberem alunos com NEE no CATL”.

4.3.1 Tipos de atividades oferecidas em contexto escolar

Sendo um dos objetivos desta pesquisa, identificar os tipos de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres oferecidas nas escolas de ensino básico para alunos com NEE, foram apresentados nesta categoria, diferentes contextos ao se tratar de escolas com e sem ensino direcionado às necessidades educativas especiais.

Para exemplificar, a amostra ficou dividida entre três professores que disseram ter em suas respectivas escolas, apenas as atividades extras-curriculares obrigatórias exigidas nos planejamentos escolares, sendo as AEC, Expressões e CATL. Estes relataram que em caso de a escola receber alunos com NEE, as atividades devem ser adaptadas pelos próprios professores na tentativa de incluir estas crianças.

Já do outro lado, tivemos a partilha de outros três professores da Educação Especial, que puderam mostrar diferentes perspectivas de suas escolas. Uma das entrevistadas disse que sua entidade oferecia apenas as terapias da fala e ocupacional, mas que não as via como atividades livres. Um outro professor diz não ter conhecimento destas práticas em sua escola, pelo fato de que seus alunos que são da educação especial não as frequentavam, por questões de horários e deslocação. Por fim, a terceira professora relatou ter atividades como psicomotricidade, equitação, natação adaptada e incentivos a atividades desportivas, uma vez que sua instituição é de educação especial, mas, vale

ressaltar que a entrevistada não frisou se estas práticas eram abertas a todas as crianças, ou se tratava-se de ofertas privadas.

Ao observarmos a variedade nas respostas dos entrevistados sobre os tipos de atividades que eram oferecidas para os alunos com NEE em contexto escolar, foi possível notar que a maior parte das instituições tratam como minoria este público, uma vez que as práticas só são repensadas de maneira a responder às necessidades dos alunos, quando realmente há estes alunos nestes contextos. Mas em contraponto com a literatura é preciso ter a percepção de que:

(...) sejam quais forem as suas características, capacidades e necessidades, as escolas devem estar preparadas (mesmo quando não tenham alunos com necessidades educativas especiais) para dar respostas a essa heterogeneidade, tendo por base uma multiplicidade de serviços e apoios adequados a essas mesmas capacidades e necessidades (Correio, 2018, p.13).

4.3.2 Ponto de vista sobre o CATL para alunos com NEE

Uma das abordagens desta pesquisa, foi dar relevância e importância ao CATL (Centro de Atividades de Tempos Livres) que é o principal espaço recreativo de educação não-formal, que a escola oferece e que funciona como um prolongamento escolar nos períodos pós-letivos, onde os alunos saem do horário de aula e podem usufruir de atividades de lazer, desporto, recreação, jogos livres e momentos de descanso. O CATL também tem a função de apoio às famílias uma vez que o horário escolar é estendido na busca de conciliar com os horários laborais dos encarregados de educação (Caçanheira et al., 2007).

Ao serem questionados, todos os entrevistados disseram que as suas respectivas escolas ofereciam este apoio. Porém, ao opinarem sobre o reconhecimento do uso do CATL para os alunos com NEE, as respostas foram variadas e rasas, deixando assim em aberto alguns questionamentos sobre como os professores e profissionais das instituições olham para o CATL de maneira nem sempre positiva.

Durante as entrevistas, tivemos algumas respostas negativas sobre o uso do CATL para alunos com NEE, principalmente na perspectiva do preparo da equipe escolar para os receber e trabalhar com estes alunos. Um exemplo a ser citado que reflete nas respostas dos demais, foi de um dos professores entrevistados, que colocou o prolongamento apenas como um espaço que “guarda” as crianças até a chegada dos pais e responsáveis. O professor diz conseguir enxergar este momento para além de um

“passatempo” dos alunos, mas, que na visão do senso comum da maior parte das pessoas, as crianças com NEE que as frequentassem, estariam ali apenas pelos cuidados.

Em conclusão com o apanhado de respostas, os professores apoiam o CATL para todos, porém, a maioria só os vê como um lugar seguro para os alunos estarem após o período letivo, e que muitas vezes pode haver até recusas de receber algumas crianças da educação especial no CATL, a depender do grau de dificuldade que esta apresente.

Após análise desta categoria, juntamente à literatura estudada na pesquisa e a preocupação em relação à inclusão efetiva destes alunos em todos os espaços escolares, refletimos com base no que diz Jezine e Junior (2011) a cerca dos debates na construção de um trabalho com todos os alunos independente de suas especificidades, que ainda é permeado por controvérsias. Os autores enfatizam que a dualidade entre os que apoiam e defendem este trabalho ainda é uma minoria frente aos demais posicionamentos. Muitos ainda entendem que estes alunos devem estar em espaços preparados, como instituições de educação especial para que possam receber um melhor serviço, e outros defendem a escola para todos e que trabalha em conjunto com um sistema de Educação Especial, mesmo com a falta de pessoas que atendam às demandas dos alunos.

Os Centros de Atividades de Tempos Livres, devem ser parte ativa dos apoios oferecidos na escola para todos, podendo assim os alunos com NEE estarem incluídos neste sistema mesmo que, em último caso, seja apenas pela salvaguarda deles. Os tempos livres também são espaços que trazem reconforto, segurança e liberdade uma vez que já lhes é exigido em grande parte do tempo certos avanços. É possível olhar para estes momentos como espaços de socialização e descanso não só para os alunos com NEE como para os seus familiares (Jezine & Júnior, 2011).

4.3.3 Opinião sobre as aptidões dos professores e das escolas para receberem alunos com NEE no CATL

Relativamente às aptidões dos professores e das escolas diante do uso do CATL como lugar que recebe alunos com NEE, notou-se em respostas alguns pontos de vista muito singulares entres os entrevistados. Em sua maioria foram citados problemas como a falta de pessoas preparadas para recebê-los neste contexto, não tendo especializados para estar com eles no prolongamento. Um outro professor também cita a heterogeneidade dos grupos, o que se torna um problema quando este grupo

apresenta diferentes dificuldades no mesmo contexto. E, por fim, uma última questão muito citada foi a situação monetária das entidades, uma vez que não lhes são oferecidos suportes financeiros para dar respaldo aos alunos com NEE. Os professores não poderiam intervir neste processo uma vez que o CATL não lhes compete em horário letivo.

Diante das afirmações é possível notar que assim como afirma Bridi (2011) as aptidões das escolas e principalmente dos professores, ainda não estão em consonância com o direito de uso e fruto de todos os espaços e atividades escolares para os alunos com necessidades educativas especiais. A autora aponta que a falta de contato do profissional com estes alunos ou dos alunos com os diversos espaços dentro e fora da escola, e a falta de preparo e receptividade, podem trazer certas resistências quanto ao trabalho com estes grupos, tendo assim certas recusas, ou justificativas de possíveis fracassos no processo de socialização e ensino/aprendizagem destes alunos.

É de todo lembrar que apenas uma professora disse que tem 1 aluno com NEE a frequentar o CATL e que ele apresenta uma dificuldade ligeira, o que não atrapalha bruscamente o convívio com os pares e com os agentes da escola.

4.4 Espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE

Diante dos levantamentos e análises deste estudo, criou-se a categoria “espaços e contextos que oferecem atividades de lazer, desporto e recreação para alunos com NEE”, intencionando perceber quais eram os conhecimentos dos professores sobre lugares e contextos para além das escolas, que oferecem estas atividades. Também perceber se os pais e responsáveis procuravam por estas práticas para os seus filhos, principalmente em contexto do CATL. Tencionando isto, vieram em sequência as seguintes subcategorias: “solicitação dos encarregados de educação”; e “outros espaços e contextos”.

4.4.1 Solicitação pelos pais e responsáveis

Em relação à solicitação dos pais e responsáveis, pelos prolongamentos escolares e pelas atividades de lazer, desporto e recreação que abrangessem as crianças da educação especial, uma

professora colocando-se na posição de mãe de um aluno com NEE, relatou que sim há algumas solicitações feitas por parte destes familiares. Entretanto, na maior parte das vezes acabam por terem respostas triviais ou por não terem respostas, ela relata que muitas escolas ou instituições de apoio nem sempre recebem essas crianças, o que faz com que recorram a lugares mais longes, que lhes demandam maior tempo de deslocação e uma mudança na rotina de todos.

Já do lado oposto, tivemos respostas da maioria a qual dizia haver certo conformismo ou confiança dos pais com as escolas, não ocorrendo muitas exigências. Os pais faziam aquilo que lhes estavam ao alcance e quando as escolas eram especializadas na educação especial eles se sentiam mais confortáveis por saber que os cuidados, os momentos e os espaços eram todos bem pensados para os seus filhos.

À face desta problemática Gomes (2008, citado por Pires, 2013) exemplifica que muitas famílias quando se deparam com a realidade não idealizada de seus filhos, passam por diversas fases de aceitação e adaptação de acordo com a nova realidade em que vivem. Todos sabemos que determinadas mudanças nem sempre são fáceis, não só a aceitação familiar destas crianças, mas a aceitação social também são fatores que contam muito para um bom desempenho destas, seja em qual momento elas estiverem. O autor diz que a reestruturação familiar já é algo complexo e cabe aos técnicos e profissionais (incluindo professores) apoiarem e ajudarem na reorganização da rotina do aluno. Nestes casos muitas famílias recorrem às atividades de tempos livres e de lazer, realmente na busca por reajustes de horários e por ambientes preparados para receber e cuidar de seus filhos os mantendo em segurança. Já outros, têm uma visão diferente destes espaços recreativos vendo-os como momentos de socialização do filho juntamente com a segurança e acessibilidade.

É notório que muitas crianças com NEE ainda precisam se adaptar aos espaços e aos serviços a elas prestados, o que deveria ser o contrário. Também é visto que muitos pais e responsáveis de crianças com NEE, acabam se conformando com a realidade vivenciada, em cada fase da vida de seus filhos. Portanto, sendo esta uma perspectiva extremamente particular, esta pesquisa buscou dar mais visibilidade e sensibilizar, para que haja maior foco e que seja feito o melhor trabalho possível, nas condições em que se encontram. Assim, as atividades de lazer, recreação, desporto ou até mesmo os prolongamentos, poderão se tornar espaços promotores de qualidade de vida para as crianças com NEE e seus familiares, em meio à rotina que já vivenciam (Gomes, 2008, citado por Pires, 2013).

4.4.2 Outros espaços e contextos

A maioria dos entrevistados alegou não conhecer lugares e contextos específicos que oferecessem ou pudessem oferecer atividades de lazer, desporto e recreação para crianças com NEE. Uma das entrevistadas mais uma vez na posição de mãe, disse que sempre que precisa destes apoios, mesmo a nível de terapias que trabalham o desenvolvimento do aluno, cita o constrangimento de deslocação a uma cidade vizinha, para que seu filho usufrua destas práticas de forma particular, em busca de um melhor trabalho para ele. Outro professor diz acreditar que os clubes desportivos talvez ofereçam atividades desportivas para pessoas com NEE, na busca de envolvê-los neste meio e também conscientizar todos a volta, sobre a importância da inclusão.

Outras professoras, citaram alguns espaços públicos que talvez dessem acessibilidade às pessoas com NEE, como cinemas e teatros, mas também apontaram ser algo ainda muito pouco explorado por parte das instituições culturais e pelos centros e rodovias desportivas e de lazer.

Muitos têm a percepção de que estas atividades devem consequentemente trabalhar algum sentido dos alunos com NEE, mas se esquecem de que os momentos livres, de observação, de lazer ou de recreação também podem ser úteis na busca de trabalhar o descanso e a liberdade de escolha dos alunos.

Cabe destacar que, os espaços de jogos, recreios e lazer, devem ter acessibilidade por ser um local seguro que adote soluções para o acesso. Assim as crianças e jovens poderão estar nestes locais com ou sem o apoio de um responsável mesmo sendo este um dos principais problemas da inclusão, uma vez que estes sítios não são pensados para todos os usuários. Muito se fala sobre parques, rodovias, áreas desportivas e centros culturais, a predominância do uso e do tempo nestes locais deve ter o lazer como objetivo principal, pois não são apenas nas escolas e centros de aprendizagens que os alunos com NEE podem trabalhar a socialização e a descoberta do mundo e de si, como ser ativo nestes contextos (Falé, 2000).

Vale ressaltar que nesta pesquisa há uma seção que apresenta algumas propostas de ambientes de lazer, desporto, recreação e tempos livres, que os alunos com necessidades educativas especiais podem utilizar.

4.5 Conclusões

O presente estudo foi elaborado no intuito de caracterizar quais são as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, que incluem e beneficiam alunos com NEE, a níveis do desenvolvimento escolar e social nos agrupamentos de escolas na Região Norte de Portugal. Os objetivos da investigação foram: a) identificar e caracterizar quais são os tipos de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, para os alunos com NEE, b) perceber a opinião, aptidões, experiências e práticas, dos professores do Ensino Básico e de Educação Especial no que diz respeito às instituições onde exercem funções, sobre as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres realizadas por alunos com NEE, e c) identificar os lugares e contextos que oferecem as atividades de lazer, desporto e recreação para crianças com NEE bem como a procura pelos encarregados de educação por estes espaços.

Relativamente, ao objetivo de identificar e caracterizar quais são os tipos de atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres, oferecidas nas escolas de ensino básico, para os alunos com NEE, concluímos que as escolas dos professores entrevistados cumprem com o papel de oferecer a componente letiva e não letiva. Também oferecem as atividades de animação e apoio facultativas e as atividades extracurriculares, que consideram ser pertencentes ao lazer, desporto e recreação na rotina institucional, englobando a todos os requerentes dos serviços. Sendo assim abrangem a educação especial ao buscar alternativas e adaptações em suas práticas. Porém, em contrapartida foi notória a lacuna entre a teoria e a prática, a serem pontuadas a seguir.

Neste ponto, com base na categoria de análise da caracterização destas atividades em contexto escolar, de modo geral a amostra do estudo esteve dividida ao meio. Isso em razão de três dos entrevistados trabalharem em instituições que tinham uma abordagem voltada para a educação especial, oferecendo determinadas práticas terapêuticas, que eram pensadas e vistas como atividades de lazer ou recreação para estes alunos. Entretanto, conclui-se que a maior parte dos professores não fazem a distinção entre as atividades orientadas e as atividades livres, nas quais a criança tem a autonomia e o poder de escolha, sobre aquilo que quer ou pode fazer. Já do outro lado, tivemos outras três instituições de ensino regular, que oferecem as práticas básicas exigidas no currículo escolar. Contudo, tratam os alunos da educação especial como minoria, uma vez que estas abordagens de

lazer, recreação e desporto, só são repensadas com o intuito de dar respostas às necessidades destes alunos, quando realmente se tem estes alunos em contextos de tempos livres.

Também em resposta ao primeiro objetivo do estudo, é evidenciado que os conhecimentos dos professores sobre o funcionamento destas atividades, bem como o uso, a satisfação e a necessidade destes serviços como práticas lúdicas e livres para os alunos com NEE, são poucos ou quase nenhum. Não competem a eles tais preocupações, e o pior dos inconvenientes foi a inutilidade destas atividades e a falta de inovação e aperfeiçoamento, quanto às ocupações e aos profissionais inseridos neste contexto.

Quando falamos dos tipos de atividades de lazer, recreação e desporto, oferecidas em contexto escolar, esta pesquisa enfatizou a vertente do CATL, como um dos principais cenários que oferecem de forma livre estas práticas no ensino básico. Desta forma é possível pontuar que a opinião dos professores entrevistados a respeito da oferta e do uso do CATL para os alunos com NEE, foi de modo geral assertiva. Todos os participantes perceberam a importância deste espaço como instância obrigatória dentro das entidades. Entretanto, de forma negativa, vimos o ponto de vista destes profissionais quanto à descrição da solidificação na utilidade destes espaços pelos alunos com NEE, uma vez que a principal preocupação dos professores, foi a falta de preparo dos agentes que trabalham na supervisão do prolongamento, e que não conseguem oferecer grande suporte a estes alunos. Neste contexto conclui-se que os alunos com NEE como já citado, continuam a ser minorias nos prolongamentos, principalmente pelo fato de que na maioria dos casos por questões oriundas não necessitam destes serviços.

Relativamente, ao objetivo de perceber a opinião, aptidões, experiências e práticas, dos professores do Ensino Básico e da Educação Especial sobre as atividades de lazer, desporto, recreação e tempos livres realizadas por alunos com NEE, em suas respectivas instituições de trabalho, podemos fazer um apontamento individual sobre cada etapa que confirma a formulação deste objetivo.

Inicialmente o grupo de entrevistados, esteve dividido ao meio em relação a formação, experiências e práticas com a educação especial. Três dos entrevistados, investiram em formações continuadas e os outros três, se mantiveram apenas na licenciatura. Arelado a isto, notou-se também que metade do grupo teve apenas ligeiros contatos com estes alunos em contexto escolar, e a outra metade trabalha exclusivamente neste âmbito, sendo estes professores com habilitações em educação especial. Vale ressaltar que a maioria das formações e pós-graduações que os entrevistados fizeram, partiram de seus próprios interesses, uma vez que a especialização dos professores vem a ser, uma

das muitas possibilidades de responder com qualidade às demandas de todos os alunos. Esta também é uma forma de assumir um compromisso na tentativa de se articular, para reorganizar as metodologias e práticas pedagógicas, e inserir propostas curriculares inclusivas.

Já em relação à opinião dos participantes sobre a categoria de análise das vantagens e desvantagens na oferta e uso do lazer, desporto e recreação como fator de desenvolvimento para as crianças com NEE, uma problemática surge quando falamos nestas práticas como forma de incluir estes alunos, uma vez que o termo pode ser alusivo ou convidativo, mas não efetivo. É visto que na tentativa do cumprimento de determinações curriculares, muitos espaços promotores de atividades lúdicas podem dizer que oferecem determinadas práticas, maquiando o real trabalho que é feito. Assim como disseram os entrevistados, cabe ao profissional que media estes momentos, buscar por soluções e alternativas para a homogeneidade e solidificação destes recursos. Com base na fala dos professores é possível ver muitos benefícios nas práticas lúdicas e livres para os alunos com NEE, principalmente no desporto, uma vez que podemos combater a exclusão e mostrar valor na interação destes com os demais.

Desta forma conclui-se que, como já citado nesta pesquisa e de acordo com o apontamento da amostra, as atividades de lazer, desporto e recreação em contexto escolar ou não, têm muitas vantagens no que se refere à motricidade e à cognição. Outra vantagem é uma maior facilidade do contato das crianças com NEE com os pares, com os espaços e os diferentes contextos que podem estar inseridas, quando se tem uma dificuldade que exige a muitos níveis, as atividades lúdicas podem trazer renovo, alegria e um sentimento de tranquilidade e liberdade.

Por fim, no intuito de responder ao objetivo de identificar os lugares e contextos que oferecem as atividades de lazer, desporto e recreação para crianças com NEE bem como a procura pelos encarregados de educação por estes espaços, com base nas respostas dos entrevistados, foi possível notar a falta de conhecimento dos professores sobre outros lugares e contextos que ofereçam estas atividades. Foram citados por alguns: clubes desportivos, centros culturais e terapias como espaços que possam promover atividades lúdicas e livres. Já no que diz respeito à identificação e procura pelos pais e responsáveis pelas práticas de lazer, recreação, desporto, ou até mesmo os tempos livres para os seus filhos, foi possível notar que não há assim grande interesse, uma vez que a rotina das crianças com NEE, pode ser composta por obrigações diversas, como a frequência nas escolas em períodos letivos de forma obrigatória e as terapias que já são em sua grande maioria, voltadas para práticas desportivas ou lúdicas, e que trabalham o aprimoramento dos sentidos destes alunos.

Após análise das falas dos entrevistados alguns aspectos são importantes de serem destacados como: os conhecimentos dos professores e das escolas a respeito dos benefícios das práticas de lazer, desporto e recreação para os alunos com NEE eram poucos ou nenhum, uma vez que houve uma maior reflexão sobre esta temática apenas no momento das respostas aos questionários. Outro ponto a ser destacado é o preparo da escola ao receber os alunos com NEE em seus diversos contextos, muitos professores relataram a falta de investimentos nas formações não só de professores como de agentes e equipe escolar como um todo. E, por último, destacamos a percepção que os pais dos alunos têm frente a esta problemática, uma vez que há um grande desconhecimento do uso do CATL para as crianças com NEE ou de outros espaços e contextos que ofereçam estas práticas.

Sendo assim, concluímos que a pesquisa nos deu uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional, levando-nos a refletir sobre a importância da oferta e do uso das atividades de lazer, desporto, recreação e CATL para os alunos com NEE. Essas atividades desempenham um papel importante de valorização da inclusão, do desenvolvimento, da socialização e no respaldo do cenário educacional do país, especialmente nas escolas dos agrupamentos da Região Norte de Portugal.

4.6 Recomendações

Para expandir ainda mais os assuntos abordados nesta investigação, é de extrema relevância a busca pela compreensão das normas políticas e legislativas que dão respostas as práticas de lazer, desporto, recreação e tempos livres, nos diversos contextos de ensino. A ser citada, pelo exemplo do atual Decreto-Lei nº 17/2023 de 20 de dezembro, que destaca as práticas desportivas/recreativas como contributo para a formação integral de todos os indivíduos. Podendo consequentemente ser assegurada pelo Decreto-Lei nº 54/2018, que estabelece o regime jurídico da educação inclusiva, tendo como compromisso responder pela diversidade de necessidade dos alunos, através da participação integral na comunidade escolar.

É também, de grande proveito o aprofundamento destas questões que fundamentam a implementação de disciplinas de lazer e recreação na formação docente, na formação técnica dos recursos humanos das escolas e de todos os outros lugares para além do âmbito escolar, que possam responder a estas demandas. Tal qual é preciso ter um olhar solidário ao desempenho funcional destas

atividades, tendo o CATL grande destaque, como influencia que assegura e recebe alunos com NEE em resposta as buscas familiares.

Desta forma, destacamos que em investigações futuras seria pertinente dar ênfase sobre a formação e preparo das equipes escolares com base nas mudanças legislativas de ensino, e sob as novas perspectivas políticas que enfatizam a diversidade nas escolas. Buscar compreender e se aprofundar sobre a visão das famílias em relação às ofertas destes serviços nas escolas para os alunos com NEE. Da mesma forma compreender os obstáculos que estas famílias enfrentam desde a aceitação da condição de seus filhos, até a busca por serviços direcionados para as crianças que apresentam necessidades educativas especiais. E dar maior reconhecimento sobre o uso do CATL como instância de tempos livres.

Neste sentido, apresentamos alguns aspectos que consideramos pertinentes de serem destacados sobre algumas temáticas que poderiam ter sido implementadas neste estudo e que podem vir a ser reflexões futuras:

- Ampliar os incentivos e a formação das equipes escolares, no trabalho com alunos com NEE que frequentam as atividades de tempos livres.
- Considerar a inclusão dos alunos com NEE nas atividades de lazer e recreação como tema abordado em disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação.
- Fornecer tratamento prático e contínuo no uso do lazer e das práticas recreativas ou desportivas, para o desenvolvimento escolar de alunos com NEE.
- Ampliar os conhecimentos sobre o lazer e os tempos livres como fator de socialização entre os pares e a aceitação das diferenças.
- Adaptar novas tecnologias para atender às diversas condições e cenários de educação formal, não-formal e informal.
- Empregar técnicas pedagógicas interativas que incorporem o uso do lazer e da recreação como fonte de estímulo para os interesses dos alunos com NEE.
- Dar assistência às necessidades dos pais e dos responsáveis sobre o uso dos diversos espaços escolares, que os apoiem em períodos laborais.
- Ampliar os conhecimentos sobre a importância do uso dos prolongamentos como assistência e apoio aos professores e às famílias.
- Ampliar os conhecimentos sobre as práticas desportivas como forma de inclusão a luz da legislação constitucional.

Por fim, salientamos que esta investigação trouxe novos indícios sobre as práticas de lazer, desporto, recreação e tempos livres para alunos com NEE, durante os anos de 2022 a 2024. Destacamos assim que este não é um estudo conclusivo, tendo em vista a replicação desta temática a outros profissionais, que lecionam tanto no ensino regular quanto na educação especial, sendo possível um maior aprofundamento nos diversos campos de atuação.

4.7 Limitações do estudo

É importante ressaltar que o estudo lidou com algumas limitações, como o recrutamento dos participantes, algo que se tornou uma tarefa desafiadora. O constrangimento no fator de conciliação dos horários com os entrevistados e o tempo de disponibilidade destes para as entrevistas.

Mas, a principal limitação a ser citada neste estudo, foi a grande escassez de estudos acerca deste tema, verificada nas pesquisas efetuadas nas bases de dados disponíveis em repositórios nacionais quanto internacionais. Desta forma é de se certificar que as perspectivas oferecidas neste estudo, não podem ser consideradas exaustivas, pois apenas aumentaram as chances de maior visibilidade desta temática.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L. S., & Freire, T. (2017). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. 5º edição. Psiquilíbrios Edições.
- Alves, Z. M. M. B., & Silva, M. H. G. (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 61-69. <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yKQmzXgZMrdhBCMkdbYvJYj/?lang=pt>
- Amaro, L. S. (2017). *Recreação escolar nas séries iniciais*. [Dissertação de Licenciatura, UNI FAEMA]. Repositório Repins UniFaema. <http://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/1280/1/Leidiane%20Silva%20Amaro.pdf>.
- Amiralian, M. L., Pinto, E. B., Ghirardi, M. I., Lichtig, I., Masini, E. F., & Pasqualin, L. (2000). Conceituando deficiência. *Revista de Saúde Pública*, 34, 97-103. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102000000100017>.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. 4. ed. Edições 70.
- Batista, E. C., de Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38. <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17910>
- Bell, J. (2016). *Projeto de pesquisa: Guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciênciassociais*. 4º edição. Artmed Editora.
- Bramante, A. C. (1998). Lazer, concepções e significados. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 1(1), 37-43. Licere Editora.
- Bramão, B. (2000). A educação para o tempo livre: uma reflexão breve sobre ATL. *Saber Educar* 1, 147-162. http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/987/2/SeE_5EducacaoTempoLivre.pdf
- Bonito, A. I. L. (2017). *A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas atividades de enriquecimento curricular num agrupamento do Baixo Alentejo* [Tese de Doutoramento, Instituto Politécnico de Beja] Repositório ProQuest. <https://www.proquest.com/openview/6e643355b52fa3c929f6ca7b9ebd9b54/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>.
- Bridi, F. R. de S. (2011). Formação continuada em educação especial: O atendimento educacional especializado. *Poiésis - Revista Do Programa de Pós-Graduação Em Educação*, 4 (7), 187 - 199. <https://doi.org/10.19177/prppge.v4e72011187-199>.

- Cabrita, A. M. G. S. (2005). *Recreio: Espaço de lazer, tempo de aprender*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense I. D. H]. Repositório da Universidade Portucalense <https://repositorio.upt.pt/server/api/core/bitstreams/0bb9788a-4552-46e0-a3d5-2873063f9cbd/content>.
- Caçanha, M. J., Pereira, F. S., Silva, F., Temudo, E., & Violante, L. (2007). Fomento de um (conceito de) CATL dinâmico como intervenção no desenvolvimento local: Ilusão ou possibilidade?. *Cenários da educação/formação: Novos espaços, culturas e saberes: Atas do VIII congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, Porto.
- Cardoso, V. D. (2011). A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte (Impresso)*, 33(2), 529–539. <https://doi.org/10.1590/s0101-32892011000200017>.
- Carneiro, M. A. (2022). *LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva*. (24^o ed.). Editora Vozes. https://books.google.pt/books?hl=ptBR&lr=&id=EvCZAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=ldb+facil+leitura+critico&ots=G73EaZ6jae&sig=xHtn4g49ZZeTU77SZNqwWyK4bdk&redir_esc=y#v=onepage&q=ldb%20facil%20leitura%20critico&f=false
- Carvalho, M. S. F. (2011). *As atitudes dos professores face à inclusão de alunos com deficiência: O contacto com a deficiência* [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Core Repository. <https://core.ac.uk/download/pdf/48578282.pdf>.
- Celestino, T., Pereira, A., & Pereira. (2016). A formação e o desenvolvimento do desporto adaptado: Uma proposta de intervenção. *Desporto e Atividade Física Para Todos – Revista Científica Da FPDD*, 2 (1), 24–33. <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/4014>.
- Correia, L. M. (2018). *Educação inclusiva e necessidades especiais*. (Vol. 1). Flora Editora.
- Correia, L. M. (2017). *Fundamentos da educação especial: Guia prático para educadores e professores*. Flora Editora.
- Correia, L. M. (2008). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores*. Porto Editora.
- De Araújo, M. J. F. B. (2004). *ATL: Actividades de tempo livre sem tempo nem liberdade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório ProQuest. <https://www.proquest.com/openview/ddb4f3b8956fc24b3f913f470b328837/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>.
- Decreto-lei n.º 46/1986 da Lei de Bases do Sistema Educativo Português (1986). Diário da República: I Série, n.º 237/86. Acedido em 15 de fevereiro de 2023. em <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/46-1986-222418>.

- Decreto-lei nº 54/2018 do Ministério da Educação (2018). Diário da República. Acedido em 04 de outubro de 2024. Em <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/2018-115654476>
- Decreto-lei nº 117/2023 da Presidência do Conselho de Ministros (2023). Diário da República. Acedido em 04 de outubro de 2024. Em <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/2018-115654476>
- Decreto-lei nº 6/2001 do Ministério da Educação (2001). Diários da República. Acedido em 24 de novembro de 2023. Em <https://dre.tretas.org/dre/129231/decreto-lei-6-2001-de-18-de-janeiro>.
- Dias, D. B. (2023). *A compreensão e promoção de práticas inclusivas em contexto de centro de atividades de tempos livres (CATL)*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Coimbra]. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/45820>.
- Dores, M. J. P. J. (2009). *Promoção do desenvolvimento psicossocial de crianças e jovens com necessidades educativas especiais*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve]. Repositório Sapiencia. <https://sapiencia.ualg.pt/handle/10400.1/1817>.
- Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de pesquisa*, nº 115, p. 139-154. <https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/>
- Dumazedier, J. (2004). *Lazer e cultura popular*. 3º ed. Editora Perspectiva.
- Falé, P. M. A. (2000). *Espaços lúdico-desportivos para a infância: Estudo das rotinas das crianças nos espaços de lazer*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto] Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10445>.
- Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência. (2016) *Desporto Para Pessoas com Deficiência*. Vol. 1. Editora IPDJ.
- Ferreira, M. E. C., & Guimarães, M, F. (2003). *Educação inclusiva*. 1º ed. Editora DP & A.
- Ferreira, G. C., & Toman, A. (2020). Educação especial e inclusão: O que mostram as iniciativas de formação continuada?. *Revista Docência e Cibercultura*, 4 (3), 367–386. <https://doi.org/10.12957/redoc.2020.54811>.
- Ferreira, V. (2009). *A atividade física adaptada e o desenvolvimento psicomotor de alunos com necessidades educativas especiais: Estágio realizado no Agrupamento de Escolas de Águas Santas*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto] Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19655/2/38638.pdf>.

- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6ª edição). São paulo: Atlas. <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>
- Gomes, L. A. R. C. (2012). *A opinião dos professores de educação física sobre a integração de alunos portadores de deficiência mental nas suas aulas: A motivação e a ansiedade na integração dos alunos com deficiência mental nas atividades desportivas*. [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus] Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2589>.
- Gomes, C. L. (2008). *Lazer, trabalho e educação - relações históricas, questões contemporâneas*. Editora UFMG.
- Hunger, D., Squarcini, C. F. R., & Pereira, J. M. (2004). A pessoa portadora de deficiência física e o lazer. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 25 (3). <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/241>.
- Jurema, J., & Garcia, R. (2010). Repensar os Conceitos de Lazer e de Recreação a partir de Rituais dos Povos Primitivos: Estudo Centrado em Povos da Floresta Amazônica Brasileira. *Atividade física, lazer & qualidade de vida: Revista de educação física*, 1(1), 76-86. <file:///C:/Users/maria/Downloads/7-18-2-PB.pdf>.
- Jezine, E., & Júnior, R. P. de A. (2011). Desafios da inclusão em Portugal: a importância das atividades de tempo livre na promoção das aprendizagens. *Revista Lusófona de Educação*, 19(19). <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2841>.
- Kenski, V. M. (2013). *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Papyrus Editora. https://books.google.pt/books?hl=ptBR&lr=&id=WHeADwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=tecnologias+e+ensino+presencial+e+a+distancia+&ots=OTwZr_YeRe&sig=7qlHWhLo7DdjVtLd2_REsl3ZipM&redir_esc=y#v=onepage&q=tecnologias%20e%20ensino%20presencial%20e%20a%20distancia&f=false
- Lacerda, I. P. de. (2017). *Promoção de atividades físico-recreativas para estudantes com deficiência: um relato de experiência a partir de acadêmicos de educação física*. [Dissertação de Licenciatura em Educação Física – Universidade Federal de Pernambuco] Repositório UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18593>.
- Machado da Luz, G., Santos Raymundo, L. D., & Kuhnen, A. (2010). Uso dos espaços urbanos pelas crianças: Uma revisão. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(3), 172-184. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193818369014.pdf>.
- Madureira, I. P., & Leite, T. S. (2003). *Necessidades educativas especiais*. 1ª ed. Universidade Aberta.
- Mazzotta, M. J. da S., & D'Antino, M. E. F. (2011). Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. *Saúde E Sociedade*, 20(2), 377-389. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902011000200010>.

- Meneghetti, A. P., Faria, G. M. N., Prazeres, M. M. V., & Sampaio, T. M. V. (2013). O processo de inclusão por meio do lazer. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, 14(2). <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2013.v14n2.3609>
- Minayo, M.C.S., & Gomes (1994). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes. https://books.google.pt/books?id=PtUbBAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- Mota, J. (2001). Actividade Física e Lazer—contextos atuais e ideias futuras. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 124-129. [https://15-libre.pdf\(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](https://15-libre.pdf(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)).
- Mozzato, A. R., & Grzybovski, D. (2011). Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, 15, 731-747. <https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?format=pdf&lang=pt>
- Paiva, A. C. C. D., Junior, F. A. D. S., Teixeira, F. J. V., Neto, E. C. M., & Lima, M. F. P. de. (2014). Manhã verde: práticas de recreação no centro regional de educação especial de Mossoró - CREE-MOS. *Agropecuária científica no semiárido*, 10(2), 01–03. <https://doi.org/10.30969/acsa.v10i2.223>.
- Pereira, V., Pereira, B. O., & Condessa, I. (2014). *O tempo de recreio na escola: Que sentimentos? que benefícios? perspectivas dos alunos do 1º ciclo do ensino básico*. Editora Tribo da Ilha.
- Pires, T. S. N. F. (2013). *As representações dos pais face à inclusão de alunos com NEE no 1º Ciclo Ensino Básico*. [Dissertação de Mestrado, ISEC Lisboa] Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/10762>.
- Priberam. (2024). Recrear. *Dicionário Priberam da língua portuguesa*. Recuperado em 09 de setembro de 2024 de <https://dicionario.priberam.org/recrea%C3%A7%C3%A3o>
- Rodrigues, T. D. D. F. F., de Oliveira, G. S., & dos Santos, J. A. (2021). As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. *Revista Prisma*, 2(1), 154-174. <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49/41>
- Sasaki, R. K. (2009). Inclusão: Acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, 12, 10-16. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/55508>.
- Santos, S. L. dos. (2018). *Atividades recreativas de inclusão no ensino fundamental: Anos iniciais da educação formal*. [Dissertação de Licenciatura, Universidade Federal da Paraíba] Repositório UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3781>.
- Santos, J. P., Almeida, M., Oliveira, C., Fernandes, R., & Cruz-Santos, A. (2013). Desporto Adaptado em Portugal: Do conceito à prática. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 18(5), 623-623. <https://periodicos.pfpe.edu.br/index.php/RBAFS/article/view/2586>.

- Silva, E. A. (2004). Lazer nos espaços Urbanos. *Revista Eletrônica Da Associação Dos Geógrafos Brasileiros, Seção Três Lagoas, 1*, 54–69. <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/1336>.
- Silva, D. A. M. et.al. (2011). *A importância da recreação e do lazer*. Editora Ideal.
- Silva, T. A. da C., & Gonçalves, K. G. F. (2017). *Manual de lazer e recreação: O mundo lúdico ao alcance de todos*. Phorte Editora.
- Silveira, A. I. M. L. D. (2012). *A importância das atividades lúdicas no desenvolvimento motor de uma criança com paralisia cerebral* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação Almeida Garrett]. Repositório Core. <https://core.ac.uk/reader/48578400>.
- Sousa, C., Dias, I. M. M. C. B., Silva, S., Ventura, T., Pereira, B. O., & Carvalho, G. S. D. (2013). *Alunos com NEE na disciplina de educação física: Identificação e modelos de atuação*. [Atas em artigo de conferência]. IX seminário internacional de educação física, lazer e saúde, Braga. Repositório <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24964>.
- Stake, R. E. (2016). *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Penso Editora. https://books.google.pt/books?hl=ptBR&lr=&id=OjA9DQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=stake+2016&ots=h_mJeZJ6X&sig=lq_EpiwSokVEEnt7n1UfguwFwM&redir_esc=y#v=onepage&q=stake%202016&f=false
- Vilardouro, C. F. (2013). *O contributo da animação sociocultural para o desenvolvimento pessoal e social de alunos com necessidades educativas especiais no 1º ciclo do ensino básico* [Tese de Doutoramento, Universidade Católica Portuguesa] Repositório ProQuest. <https://www.proquest.com/openview/bf025474ce9a1ec1fb7ef4503fca7cf6/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>.
- Vosgerau, D. S. R., Pocrifka, D. H., & Simonian, M. (2016). Etapas da análise de conteúdo complementadas por ciclos de codificação: possibilidades a partir do uso de software de análise qualitativa de dados. *CIAIQ 2016, 1*.
- Weber, S. (2010). Metodologia de inspiração etnográfica em pesquisas de práticas corporais artísticas. In *Anais do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*. UFRGS. Rio Grande do Sul. <https://www.portalabrace.org/vicongresso/pesquisadanca/Suzane%20Weber%20%20Metodologia%20de%20inspira%E7%E3o%20etnogr%E1fica%20em%20pesquisas%20de%20pr%E1ticas%20corporais%20art%EDsticas.pdf>.
- Werneck, C. L., & Isayama, H. F. (2003). Recreação e lazer: apontamentos históricos no contexto da educação física. *Lazer, recreação e educação física*. 1º edição. Editora Autêntica. <https://cev.org.br/media/biblioteca/4046041.pdf>.
- Winnick, J. P., & Porretta, D. L. (2017). *Adapted physical education and sport*. (6th ed.). Human Kinetics. <https://books.google.pt/books?hl=ptBR&lr=&id=XvR6DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=Winnick>.

ANEXOS

Anexo A: Guião de Entrevista Semiestruturada

Guião de Entrevista Semiestruturada

Caracterização das Atividades de Lazer, Desporto e Recreação para alunos com Necessidades Educativas Especiais no Distrito de Braga

(Silva, & Cruz-Santos, 2023)

A presente entrevista insere-se em um estudo desenvolvido no Instituto de Educação da Universidade do Minho, no âmbito do Mestrado em Educação Especial, na área de especialização em Necessidades Educativas Especiais no Domínio Cognitivo e Motor orientado pela Professora Doutora Anabela Cruz dos Santos.

O estudo tem como finalidade identificar e reconhecer as atividades de lazer, desporto e recreação, que permitam a inclusão de alunos com NEE dentro e fora dos espaços escolares e perceber a opinião e experiências dos professores do ensino básico, frente a esta problemática nos agrupamentos de escolas na Região Norte de Portugal.

Participantes:

Professores (as) do Ensino regular

Professores (as) do Ensino Básico e Educação Especial

Questões da entrevista:

Idade:

Formação:

Cargo atual:

Tempo de atuação:

Tipo de escola que trabalha atualmente: (pública/privada)

1- Em sua prática profissional, já trabalhou com alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE)?

2- Possui formação para trabalhar com alunos com NEE? Que tipo de formação? Especializada (em que domínio: 910, 920, 930)? Continuada?

3- Qual seu ponto de vista sobre as práticas de lazer, desporto e recreação no desenvolvimento de crianças com ou sem NEE, em fase escolar? Acha que têm benefícios? Vantagens? Desvantagens? O que considera ser vantajoso na inclusão dos alunos com NEE nas atividades de lazer, recreação e desporto, ao se juntarem aos outros alunos da escola?

4- A sua instituição/escola/ agrupamento oferece práticas de lazer, desporto adaptado e recreação para alunos com NEE? Quais?

5- Estas práticas, a serem oferecidas, ocorrem em que horários/ quantos dias por semana?

6- A sua instituição/escola/ agrupamento possui o Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL) para alunos com NEE?

7- Considera possível que os alunos com NEE desenvolvam competências nas práticas de lazer, recreação e desporto na sua escola? Ou considera estas práticas apenas entretenimento, atividades pouco significativas para o aluno com NEE?

8- Acha que a sua instituição/escola/agrupamento e os professores, estão preparados para receber alunos com NEE em atividades do CATL? Porquê?

9- Acha importante que os alunos com NEE frequentem o CATL? Porquê? Os alunos com NEE da sua escola frequentam o CATL? Tem ideia de quantos frequentam? Muitos, poucos? São alunos com necessidades educativas ligeiros? Graves? Tem ideia do tipo de problema dos alunos com NEE que vão ao CATL?

10- Quais os tipos de atividades não curriculares, as suas escolas oferecem? (Em que dias da semana, horários, para quais alunos? NEE? DT?...)

11- Os pais questionam a escola sobre as atividades desenvolvidas na instituição e a inclusão? De que forma?

12- Acha que as crianças com NEE podem desenvolver as suas capacidades através de atividades lúdicas e de convívio? De que forma?

13- Acha que estas atividades de lazer, desporto e recreação devem ser apenas para os alunos com NEE, ou devem ser para todos os alunos?

14- Acha que estas atividades de lazer, desporto e recreação devem ser oferecidas apenas em escolas? Conhece outros locais/ contextos que ofereçam este tipo de atividades para alunos com NEE? Consegue dar-me alguns exemplos?

Muito obrigada pela colaboração nesta pesquisa!! Qualquer dúvida pode entrar em contato: Maria Carolina da Silva (e-mail: maria.carolina.21@hotmail.com)